

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
HISTÓRIA DA ARTE

Thayná Pereira Trindade

**ABDIAS NASCIMENTO: O CORPO - MEMÓRIA DO LEGADO
AFRO-BRASILEIRO**

RIO DE JANEIRO

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

THAYNÁ PEREIRA TRINDADE

**ABDIAS NASCIMENTO: O CORPO - MEMÓRIA DO LEGADO
AFRO-BRASILEIRO**

RIO DE JANEIRO

2025

THAYNÁ PEREIRA TRINDADE

**ABDIAS NASCIMENTO: O CORPO - MEMÓRIA DO LEGADO
AFRO-BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de graduado em História da arte.

Aprovado em:

Banca examinadora:

Prof. Dr. Felipe Scovino

Escola de Belas Artes - EBA/UFRJ

Prof. Dra. Carissa Diniz de Moura

Escola de Belas Artes - EBA/UFRJ

Prof. Me. Keyna Eleison

Pesquisadora Independente - Convidada

RIO DE JANEIRO

2025

AGRADECIMENTOS

Laroyê, Esú! Kiuá, Mpambu Nzila! Gratidão àquele/aquela que me deu a chance de existir e (re)existir enquanto corpo preto em diáspora. Agradeço aos meus pais por serem as principais referências humanas em minha vida e por sempre valorizarem os estudos e, mesmo com as dificuldades de viés financeiro, fizeram todos os esforços para que eu e meu irmão tivéssemos acesso a uma boa educação na rede pública de ensino.

Agradeço a oportunidade de entregar esse trabalho no tempo que pude me debruçar de maneira inteira a essa pesquisa que navegou por diversas modificações, mas sempre com objetivo de olhar para arte afro-brasileira aliada a meus propósitos enquanto corpo preto político. Há uma frase bem clichê que explica a minha trajetória nesse curso, nessa universidade em que diz: "A gente nunca se atrasa para o que é nosso". Apesar dos percalços, alguns trancamentos por eventos adversos, o quase abandono por me sentir inadequada ao espaço acadêmico, seja pela minha maternidade, idade, cor, TEA/TDAH. Finalizar esse trabalho tem o sabor de ter experimentado e vivenciado oportunidades únicas, que me fizeram construir novos olhares que condensam de maneira bonita todo esse caminhar. Agradeço ao tempo - que também é ancestral/orixá/nkisi - pela estrada mais longa.

Agradeço em unidade à minha mãe, Wanda, por ter dedicado boa parte de sua vida em prol da criação e manutenção de nossa família, por estar sempre envolvida em tudo o que fosse importante e necessário em nossas vidas. Agradeço em unidade ao meu pai, José, por ser uma das pessoas mais inteligentes que já conheci, mesmo tendo somente seu ensino fundamental concluído e, que ainda assim não daria conta do enorme conhecimento que ele possui e nos compartilha diariamente.

À minha filha, Dandara Abayomí, que é minha rocha firme, minha inspiração e principal força motriz para reconstruir uma carreira acadêmica e profissional do zero. Sua existência é capaz de me motivar de inúmeras maneiras, sua parceria desde tão pequena me acompanhando durante as aulas no Fundão, nas visitações de museus e espaços de arte com toda sua inteligência e expertise na percepção de cada momento que se tornaram únicos e especiais. Eu só sou porque ela é.

Ao meu orientador, Felipe Scovino, por ter abraçado as minhas demandas de pesquisa, ter respeitado o meu tempo e as minhas questões para produção deste trabalho. Pelas diversas trocas e por ter sido a primeira pessoa a dizer que eu deveria estudar e entrar para o campo de curadoria. Seus conselhos me impulsionaram a seguir construindo um caminho dentro da pesquisa de arte contemporânea e da curadoria de arte.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Abdias Nascimento: volte e pegue”. Renata Felinto. aquarela sobre papel, 40 x 30 cm. 2024.....	10
Figura 2. Abdias. Simba. Acrílica sobre a tela, 110x100cm. 2024.....	18
Figura 3. Abdias Nascimento em evento do Centro Cultural Afro-Americano de Buffalo, Nova York.1978(Estados Unidos) Ron Wofford/Ipeafro.....	19
Figura 4. Capa da revista.FESTAC77,Lagos,1977.Cortesia arquivo PANAFES.....	21
Figura 5. Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro. Rio de Janeiro, ano I, n. 4, jul. 1949. 12 p. Acervo Ipeafro.....	25
Figura 6. “Em São Paulo o Negro vai às Ruas Protestar: Chega de Mãe Preta”, Revista Istoé, 1979 Acervo Ipeafro.....	28
Figura 7. Frente Negra Brasileira (FNB), São Paulo, 1935. Movimento negro fundado em outubro de 1931. Acervo Ipeafro.....	29
Figura 8. Abdias Nascimento discursa em convenção do Partido Democrático Trabalhista realizada no Congresso Nacional, em 1982 Acervo Ipeafro.....	32
Figura 9. Em 1983, Abdias Nascimento participa de peregrinação à Serra da Barriga, sítio histórico do Quilombo dos Palmares (foto: Arquivo Sphan. Fonte: Agência Senado.....	34
Figura 10. Foto: Jorge Prado Teixeira (de pé); Edison Carneiro, Guerreiro Ramos, Hamilton Nogueira, Ruth de Sousa, Milca Cruz, Abdias Nascimento e uma taquigrafia. Acervo Ipeafro	37
Figura 11. Foto por José Medeiros. Abdias Nascimento em cena de "Sortilégio" de Abdias Nascimento, 1957. Acervo Abdias Nascimento – IPEAFRO.....	42
Figura 12. Nova York (Estados Unidos), 1978: Lélia Gonzalez, Abdias Nascimento e Leonel Brizola em encontro promovido por Abdias Elisa Larkin Nascimento/Acervo Ipeafro.....	43
Figura 13. Okê, Oxóssi. 1970. Abdias Nascimento. Coleção MASP. Doação Elisa Larkin Nascimento IPEAFRO, no contexto da exposição Histórias afro-atlânticas, 2018.....	44
Figura 14. São Paulo (SP), 1982: 3º Congresso de Cultura Negra das Américas Abelardo B. Alves Neto/Acervo Ipeafro.....	46
Figura 15. Todos os Filhos de Deus Têm Asas: Ruth de Souza e Abdias Nascimento/Acervo Ipeafro.....	49
Figura 16. Abdias Nascimento no Senado Federal. Fonte: Agência Senado. Célio Azevedo. 2005.....	50

Figura 17. Djanira da Motta e Silva, Cristo na coluna, 1955. Óleo sobre tela, 81 × 115 cm. Coleção particular, Rio de Janeiro. Foto: Jaime Acioli.....	51
Figura 18. Foto: Acervo pessoal. Mac Niterói, 2019.....	54
Figura 19. Flyer do seminário Negra Presença: Arte, política, estética e curadoria. 2019. Acervo Ipeafro.....	55
Figura 20. Foto: Reprodução/MAC Niterói.....	56
Figura 21. Vistas da exposição: Abdias Nascimento: um artista panamefriano. MASP.....	57
Figura 22. Vistas da exposição: Abdias Nascimento: um artista panamefriano. MASP.....	57
Figura 23. Elisa Larkin Nascimento conversa com O’Neil Lawrence, curador da Galeria Nacional de Arte da Jamaica. Ao fundo, no centro, a obra “Okê Oxossi”, de Abdias Nascimento (1974). Foto: César Nascimento. Acervo Ipeafro.....	58
Figura 24. Foto: Eu, Thayná Trindade e Molefe Kete Asante, Temple University, 2019. Philadelphia/US. Acervo Pessoal.....	59

RESUMO

Esta pesquisa se debruça sobre a vida e o legado multifacetado de Abdias Nascimento, destacando sua trajetória como intelectual, artista, curador e ativista político. O interesse por este estudo surgiu a partir de minha visita à Temple University, na Filadélfia, Estados Unidos, em 2018, quando estive em contato com Molefe Kete Asante, no Africology Institute e, observei um folder de uma exposição de Abdias Nascimento ocorrida na década de 70, durante seu exílio nos Estados Unidos. A partir desse contexto, compreendi a relação de Abdias com as artes visuais e sua dedicação ao legado afro-brasileiro, considerando as diversas instâncias e meios necessários para refletir a influência da diáspora africana e seu impacto no Brasil.

A pesquisa também aborda a fundação do Teatro Experimental do Negro (TEN), um marco fundamental na contribuição negra para as artes e na disseminação de debates sobre identidade e igualdade racial no Brasil. Posteriormente, são analisadas suas incursões nas artes plásticas, evidenciando como suas obras refletem a rica herança cultural africana e seu compromisso com a valorização da identidade negra. Também são abordadas suas contribuições teóricas, destacando seu papel como pensador influente nos estudos afro-brasileiros e sua defesa incansável pelos direitos civis e da igualdade racial. São destacadas suas contribuições artísticas e colecionismos, oriundos de sua ação curatorial no Museu de Arte Negra (MAN) e das documentações registradas com a criação do IPEAFRO, que visam à preservação e promoção da cultura afro-brasileira, ampliando a compreensão histórica sobre o legado dos afrodescendentes no Brasil e além.

Por fim, realiza-se um estudo crítico acerca de duas exposições de suas obras enquanto artista visual, realizadas pelo Museu de Arte Contemporânea de Niterói e pelo Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP). Com isso, comprehende-se a importância dos pressupostos deixados por Abdias e as diversas vertentes que se mantêm a partir do legado dessa grande figura, não somente no Brasil, mas para toda a humanidade.

Palavras-chave: Abdias Nascimento, Teatro Experimental do Negro, Museu de Arte Negra (MAN), Arte Afro-brasileira

ABSTRACT

This research focuses on the life and multifaceted legacy of Abdias Nascimento, highlighting his trajectory as an intellectual, artist, curator and political activist. The interest in this study arose from my visit to Temple University, in Philadelphia, United States, in 2018, when I was in contact with Molefe Kete Asante, at the Africology Institute and observed a folder from an exhibition by Abdias Nascimento that took place in the decade 70, during his exile in the United States. From this context, I understood Abdias' relationship with the visual arts and his dedication to the Afro-Brazilian legacy, considering the different instances and means necessary to reflect the influence of the African diaspora and its impact on Brazil.

The research also addresses the founding of Teatro Experimental do Negro (TEN), a fundamental milestone in the black contribution to the arts and in the dissemination of debates about identity and racial equality in Brazil. Subsequently, his forays into the visual arts are proven, highlighting how his works reflect the rich African cultural heritage and his commitment to valuing black identity. His theoretical contributions are also discussed, highlighting his role as an influential thinker in Afro-Brazilian studies and his tireless defense of civil rights and racial equality.

His artistic contributions and collections are highlighted, arising from his curatorial action at the Museu de Arte Negra (MAN) and the documentation recorded with the creation of IPEAFRO, which aim to preserve and promote Afro-Brazilian culture, expanding the historical understanding of the legacy of Afro-descendants in Brazil and beyond.

Finally, a critical study is carried out on two exhibitions of his works as a visual artist, held by the Niterói Contemporary Art Museum and the São Paulo Assis Chateaubriand Museum of Art (MASP). With this, we understand the importance of the assumptions left by Abdias and the different aspects that are based on the legacy of this great figure, not only in Brazil, but for all humanity.

Keywords: Abdias Nascimento, Teatro Experimental do Negro, Museu de Arte Negra (MAN), Afro-Brazilian Art

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. QUILOMBISMO E ARTE AFRO-BRASILEIRA: UM PROJETO ESTÉTICO-POLÍTICO DE REEXISTÊNCIA.....	16
2. ABDIAS NASCIMENTO ENTRE O BRASIL E O MUNDO: CORPO, MEMÓRIA E INSURGÊNCIA.....	22
2.1 Quilombismo	23
2.2 O panafricanismo	27
2.3 Linha do tempo da trajetória política, social e ativista de Abdias Nascimento	31
2.4 O exílio de Abdias Nascimento nos Estados Unidos: entre perseguição, criação e internacionalização	32
2.5 A escrita como instrumento de luta: a produção literária de Abdias Nascimento	36
2.6 Um negro revoltado e as memórias do I Congresso do Negro Brasileiro	37
2.7 FESTAC 77 e seus desdobramentos internacionais	39
2.8 Análise das construções e vivências do Teatro Experimental do Negro	41
2.8.1 O palco como trincheira: o TEN entre arte, política e exílio	42
2.9 IPEAFRO: memória, educação e pan-africanismo como projeto de futuro	45
3. A ARTE AFRO-BRASILEIRA E O ESPÍRITO LIBERTADOR DE ABDIAS NASCIMENTO	48
4. ABDIAS NASCIMENTO: UM CURADOR - ARTISTA, ARTISTA - CURADOR	51
5. A MEU VER E SENTIR: MAC NITERÓI E MASP - PERCEPÇÕES INSTITUCIONAIS DAS PINTURAS E LEGADO ARTÍSTICO DE ABDIAS NASCIMENTO NA HISTÓRIA DA ARTE BRASILEIRA	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	6

1. INTRODUÇÃO

Abdias Nascimento¹ Foi uma das figuras mais emblemáticas e influentes na luta pelos direitos civis e na promoção da cultura afro-brasileira no século XX. Nascido em 1914, em Franca, São Paulo, ele desempenhou múltiplos papéis ao longo de sua vida: ativista, político, artista e escritor. A trajetória dessa personalidade é marcada por um comprometimento inabalável com a valorização da identidade negra e a denúncia das desigualdades raciais no Brasil.

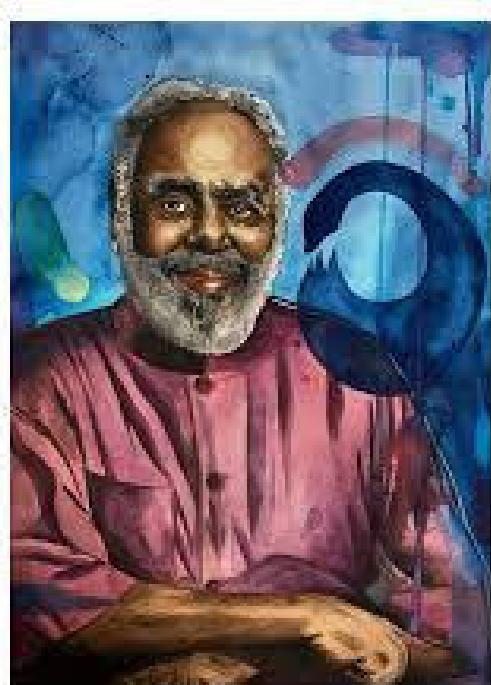


Figura 1 - Abdias Nascimento: volte e pegue". Renata Felinto

Fonte: instagram da artista

O estudo sobre essa personalidade negra é relevante não apenas pelo reconhecimento de suas realizações, mas também pela necessidade de compreender parte da trajetória do movimento negro no Brasil e as estratégias adotadas para combater o racismo e promover a igualdade racial. Ao investigar sua vida e obra, é possível iluminar aspectos importantes da história brasileira que muitas vezes são marginalizados ou pouco discutidos. Além disso, a análise das contribuições de Abdias fornece insights valiosos para as lutas contemporâneas contra a discriminação racial e a valorização da cultura afro-brasileira.

¹ Ao assinar, Abdias assinava por "Abdias Nascimento" e dava preferência por essa forma de escrita e registro. Mas, a forma do seu nome civil "Abdias do Nascimento" também era aceita e usada em outras publicações e documentações.

A escolha desse homem negro, Abdias Nascimento como objeto de estudo, justifica-se pela sua importância histórica e cultural. Sua atuação como fundador do Teatro Experimental do Negro (TEN), seu envolvimento com o Movimento Negro Unificado (MNU)², e sua carreira política são testemunhos de uma vida dedicada à causa negra. Analisar suas ações e obras permite não apenas resgatar a memória de um líder incontornável, mas também entender as bases de um movimento que continua a influenciar as políticas e a cultura brasileiras. Além disso, o reconhecimento internacional que ele recebeu, incluindo a indicação ao Prêmio Nobel da Paz, destaca a relevância global de seu trabalho.

Dentro dessa conjuntura, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a vida e o legado de Abdias Nascimento, destacando suas contribuições significativas para a valorização da cultura afro-brasileira e a luta contra o racismo no Brasil. A intenção envolve a busca por compreender como suas iniciativas artísticas, culturais e políticas impactaram a sociedade e continuam a influenciar caminhos na contemporaneidade nos âmbitos políticos, artísticos, culturais e sociais. Sendo assim, vide os objetivos específicos:

1. Examinar a trajetória pessoal e profissional de Abdias Nascimento:

- Investigar o contexto histórico e social em que Abdias Nascimento cresceu e se desenvolveu, para entender as influências que moldaram sua visão e suas ações.
- Identificar as influências intelectuais e culturais que foram determinantes em sua formação, destacando os elementos que contribuíram para seu ativismo e suas produções artísticas.

2. Congresso Negro Brasileiro e a criação do Museu de Arte Negra

- Identificar e explorar as discussões e propostas apresentadas durante o I Congresso do Negro Brasileiro e as perspectivas para o cenário da arte e da cultura.
- Analisar o processo de fundação e desenvolvimento do Teatro Experimental do Negro (TEN), seu papel pioneiro na inclusão de artistas negros no teatro

² Fundado em 1978, o Movimento Negro Unificado (MNU) foi um marco na reorganização das lutas antirracistas no Brasil durante a ditadura civil-militar. Surgido como denúncia do genocídio da juventude negra, o MNU articulou pautas como a valorização da identidade negra, o combate ao racismo institucional e a crítica ao mito da democracia racial.

Referência:

AGUIAR, Neusa Maria. Movimento Negro Unificado: uma história de lutas. São Paulo: Selo Negro, 2007.

brasileiro e como essa iniciativa auxiliou na ideação, curadoria, acervo e concepção do projeto do Museu de Arte Negra (MAN)

3. Investigar as obras literárias e artísticas de Abdias Nascimento:

- Analisar suas principais obras literárias, destacando O Quilombismo e O Negro Revoltado como base epistemológica de seu pensamento político.
- Examinar sua trajetória artística a partir do exílio no exterior, suas interlocuções com pensadores fundamentais da questão negra em sua época e a produção pictórica marcada por símbolos, signos e iconografias de matriz afro-brasileira permite compreender como suas obras atuaram não apenas como expressões estéticas, mas como dispositivos políticos de afirmação negra e africana. Ao articular ancestralidade, espiritualidade e resistência em sua produção visual, Abdias contribuiu decisivamente para a valorização e visibilidade da cultura negra no Brasil, inscrevendo sua arte como parte de um projeto mais amplo de insurgência cultural e pan-africanismo.

4. Discutir o legado e posteridades a partir da influência de Abdias Nascimento:

- Examinar a criação e o impacto do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO), destacando suas contribuições para a pesquisa e valorização da história e cultura afro-brasileira.
- Analisar o reconhecimento de Abdias Nascimento nas exposições e projetos de arte e seu impacto contínuo de suas ações na sociedade contemporânea.

5. Refletir sobre a relevância das contribuições de Abdias Nascimento para as lutas contemporâneas contra o racismo e a promoção da arte e cultura afro-brasileira:

- Contextualizar suas ações e iniciativas no cenário atual de luta por direitos civis, destacando como seu legado continua a inspirar e influenciar movimentos e em diversos campos de atuação.
- Entender o que tem sido produzido sobre Abdias Nascimento pode oferecer para ações e pesquisas, contribuindo para a continuidade e fortalecimento da luta pela igualdade racial e pela valorização da cultura afro-brasileira.

Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma metodologia de caráter bibliográfico, abrangendo um montante considerável de fontes primárias e secundárias. Foram realizadas

análises detalhadas de livros, artigos acadêmicos, catálogos de arte, acervo pessoal de imagens oriundas de visitas a mostras do artista em questão, permitindo uma abordagem multifacetada do objeto de estudo. A seleção dos materiais foi guiada por critérios rigorosos de relevância, autenticidade e representatividade, visando garantir a profundidade e a precisão da pesquisa.

A revisão bibliográfica incluiu a consulta a materiais disponíveis em bibliotecas e arquivos, tanto físicos quanto digitais, abrangendo instituições como o Museu de Arte do Rio, que detém em seu acervo bibliográfico um material rico material para a produção e pesquisa em arte brasileira. Além disso, como pesquisadora e entusiasta coleciono um interessante acervo particular de produções raras de Abdias, incluindo sua coleção "Thoth Escriba dos Deuses - Pensamento dos povos africanos e afrodescendentes", composta por 6 volumes criada durante o período de validação de sua trajetória no Senado Federal. Fontes digitais, como repositórios acadêmicos e bases de dados, foram exploradas para complementar e atualizar o conjunto de referências, assegurando a inclusão de estudos críticos contemporâneos sobre a vida e a obra de Abdias Nascimento.

Além da literatura, a pesquisa debruçou-se nas duas mostras institucionais de Abdias: "Abdias Nascimento - Um espírito libertador" no Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC - Niterói) no ano de 2019 com curadoria de Pablo León de La Barra e Raphael Fonseca e "Abdias Nascimento: Um artista panamefriano" no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) no ano de 2022 com curadoria de Amanda Carneiro e Tomás Toledo.

A análise documental envolveu o exame de registros históricos, materiais audiovisuais, discursos e outros documentos que fornecem percepções interessantes sobre as motivações, pensamentos e ações de Abdias Nascimento. Técnicas de análise de conteúdo e análise crítica do discurso foram empregadas para desvelar as camadas de significados presentes nos textos e discursos de Abdias, permitindo uma compreensão mais rica e nuançada de suas contribuições.

Ao integrar a diversidade de materiais e técnicas de análise, o estudo buscou construir uma visão abrangente e contextualizada das contribuições de Abdias do Nascimento, tanto no campo artístico quanto político. Esta abordagem metodológica permitiu uma apreciação mais completa de seu legado e de seu impacto duradouro na valorização da cultura afro-brasileira e na luta pela igualdade racial.

O primeiro capítulo, intitulado "**“QUILOMBISMO E ARTE AFRO-BRASILEIRA: UM PROJETO ESTÉTICO-POLÍTICO DE REEXISTÊNCIA”**,

como objetivo construir uma base conceitual sólida para o desenvolvimento do trabalho, estabelecendo a arte afro-brasileira como campo simbólico, político e espiritual. Nesse contexto, analisa-se o Quilombismo, conceito fundamental elaborado por Abdias Nascimento, como chave teórica de compreensão da produção artística negra no Brasil. O capítulo argumenta que a arte afro-brasileira não se trata de um movimento isolado, mas de uma prática insurgente, marcada por memórias coletivas e epistemologias de resistência. No segundo capítulo, “**ABDIAS NASCIMENTO ENTRE O BRASIL E O MUNDO: CORPO, MEMÓRIA E INSURGÊNCIA NEGRA**”, traça-se uma linha do tempo crítica da trajetória de Abdias Nascimento, compreendendo suas múltiplas atuações como intelectual, artista, político e militante pan-africanista. A análise parte de documentos biográficos e autobiográficos, como o livro *Um Negro Revoltado*, e percorre suas experiências no Teatro Experimental do Negro (TEN), os desdobramentos do I Congresso do Negro Brasileiro, e sua projeção internacional, especialmente a participação no FESTAC 77, na Nigéria. O capítulo também destaca os momentos de exílio e as articulações de Abdias com intelectuais e instituições no exterior, além de suas premiações, escritos e contribuições como autor de um pensamento afrodiáspórico. A abordagem tensiona o uso cronológico tradicional, buscando evidenciar como suas vivências se convertem em fundamentos de ação estética e política.

O terceiro capítulo, “**A ARTE AFRO-BRASILEIRA E O ESPÍRITO LIBERTADOR DE ABDIAS NASCIMENTO**”, O terceiro capítulo propõe uma imersão na dimensão estética e política do pensamento de Abdias Nascimento a partir de seu texto seminal *Arte afro-brasileira: um espírito libertador* (1976), apresentado na Universidade de Ifé, na Nigéria. Nele, o artista e intelectual propõe uma ruptura com a lógica formalista e eurocentrada da “arte pela arte”, afirmado que a criação negra no Brasil está necessariamente implicada na luta por humanização, dignidade e liberdade. A arte afro-brasileira, para Abdias, é expressão de uma ancestralidade que resiste: ela é rito, denúncia, memória e esperança.

Para aprofundar esse debate, o capítulo dialoga com as investigações de Hélio Menezes, que analisa os conflitos entre visibilidade e apagamento nas práticas curatoriais brasileiras, e com Igor Simões, que reflete sobre a racialização dos cubos brancos e a montagem de narrativas visuais insurgentes. A partir dessas interlocuções, evidencia-se como o projeto estético-político de Abdias antecede, influencia e ainda interroga os modos contemporâneos de pensar a arte negra. Trata-se, aqui, de compreender que o espírito libertador evocado por Abdias não é apenas uma metáfora: é uma proposta epistemológica

que exige repensar os critérios de legitimação, as formas de exibição e os sentidos atribuídos à arte afro-brasileira nos circuitos institucionais.

No quarto capítulo, “**ABDIAS NASCIMENTO - UM CURADOR ARTISTA, UM ARTISTA - CURADOR**”, concentra-se na criação do Museu de Arte Negra (MAN) como projeto institucional insurgente, e investiga sua atuação como curador e artista visual. Abdias é interpretado aqui como um agente cultural que tensiona os limites entre arte e política, propondo novos regimes de visibilidade para a produção afro-brasileira. O capítulo discute o surgimento do MAN a partir das práticas do TEN e do concurso do Cristo Negro, enfatizando seu valor simbólico, educativo e estético. Também são analisadas obras pictóricas produzidas durante seu período de exílio, nas quais se observa a convergência entre espiritualidade afro-brasileira e crítica social. Além disso, examina-se a inserção de Abdias em circuitos internacionais de arte e cultura negra, destacando como sua curadoria se articulava a redes transnacionais. A noção de “curador-artista” é trabalhada como síntese de uma prática integral entre militância, criação e musealização.

No quinto capítulo, “**A meu Ver e Sentir: MAC Niterói e MASP — Percepções Institucionais das Pinturas e Legado Artístico de Abdias do Nascimento na História da Arte Brasileira**”, realiza-se uma análise comparada entre duas exposições centrais dedicadas à obra de Abdias Nascimento: Abdias Nascimento: um espírito libertador (MAC Niterói, 2019) e Abdias Nascimento: um artista panamericano (MASP, 2022). A partir dessa comparação, busca-se avaliar as diferentes abordagens curatoriais e institucionais que moldam a recepção do legado artístico de Abdias no campo museológico contemporâneo. São observadas as estratégias de montagem, os discursos expográficos, os recortes temáticos, programações e as ausências significativas em cada mostra. O capítulo discute o risco de neutralização simbólica que algumas instituições podem operar, mesmo ao homenagear figuras negras, e propõe uma reflexão crítica sobre o lugar de Abdias na história da arte brasileira, não apenas como objeto de exposição, mas como autor de uma pedagogia visual negra.

Por fim, a conclusão retoma os principais eixos desenvolvidos ao longo do trabalho, sintetizando as relações entre corpo, memória, arte e política na trajetória de Abdias Nascimento. A pesquisa reafirma sua relevância como figura central na constituição de um pensamento artístico afro-brasileiro, e destaca a importância de dar continuidade a estudos que problematizem os modos de representação, visibilidade e curadoria de artistas negros nos museus e espaços de legitimação. Como fechamento, o texto propõe que o legado de Abdias

não se inscreve apenas no passado, mas como horizonte ético e estético para as lutas do presente.

Politicamente, Abdias foi um defensor incansável de políticas de inclusão e igualdade, lutando contra o racismo institucionalizado e promovendo a conscientização social sobre a importância da diversidade racial. Seu legado legislativo e ativista inspirou gerações de líderes e pensadores, estabelecendo bases somente lidas para as políticas públicas voltadas para a igualdade racial no Brasil.

Ao final desta monografia, espera-se demonstrar como a vida e o trabalho de Abdias Nascimento contribuíram para moldar a luta contra o racismo no Brasil e para a construção de uma identidade afro-brasileira mais reconhecida e valorizada. Sua trajetória exemplar revela a importância de ações contínuas e dedicadas na busca por justiça social e na celebração da rica herança cultural afro-brasileira, evidenciando seu impacto duradouro na sociedade contemporânea.

1. CAPÍTULO 1: QUILOMBISMO E ARTE AFRO-BRASILEIRA: UM PROJETO ESTÉTICO - POLÍTICO DE REEXISTÊNCIA

A arte afro-brasileira, profundamente enraizada nas tradições africanas e moldada pelo contexto sócio-histórico brasileiro, é um componente essencial da identidade e resistência cultural negra. Este capítulo explora o conceito de arte afro-brasileira e investiga as perspectivas do Quilombismo, conforme formuladas por Abdias Nascimento, para entender como este conceito serve como um marco para se pensar conceitualmente a luta pela manutenção e continuidade do legado artístico e cultural negro no Brasil.

Abdias cresceu em uma sociedade onde o racismo era endêmico e as oportunidades eram escassas para pessoas negras. Ele testemunhou as consequências devastadoras do racismo institucionalizado, que limitava o acesso dos negros à educação, ao emprego digno e à participação política. Essas experiências moldaram sua consciência racial e sua determinação em lutar contra a injustiça e a opressão.

Abdias Nascimento (1914–2011), foi um dos mais importantes intelectuais negros do século XX no Brasil e nas Américas. Nascido em Franca, interior de São Paulo, em uma família de origem humilde, desde cedo enfrentou o racismo estrutural da sociedade brasileira. Sua trajetória foi marcada por experiências de luta, formação autodidata e articulação entre cultura e política. Ainda jovem, envolveu-se com o movimento tenentista e atuou como soldado e policial, contextos nos quais presenciou a marginalização sistemática da população

negra, com vivências que o impulsionaram à militância antirracista e à busca por instrumentos de emancipação coletiva. A seguir, apresenta-se um quadro cronológico com os principais marcos da trajetória de Abdias Nascimento, como forma de sintetizar sua ampla atuação intelectual, artística e política (Quadro 1).

Quadro 1 – Linha do tempo de Abdias Nascimento (1914–2011), a partir dos levantamentos da pesquisa:

Ano	Evento
1914	Nascimento em Franca (SP), em 14 de março.
1930s	Participação na Frente Negra Brasileira
1938	Organização e participação no Congresso Afro-Campineiro, em Campinas.
1944	Fundação do Teatro Experimental do Negro (TEN), marco na valorização da cultura negra.
1948	Criação do jornal Quilombo, órgão oficial do TEN.
1950	Realização do I Congresso do Negro Brasileiro no Rio de Janeiro.
1950s	Atuação no Movimento Negro Unificado e aproximações com o pan-africanismo.
1968	Exílio devido à ditadura militar. Vai aos EUA e inicia sua trajetória artística visual.
1971–1980	Produção de séries pictóricas e exposições em Nova York e universidades norte-americanas.
1976	Publicação de 'Memórias do Exílio'.
1977	Participação no FESTAC 77 e docência na Universidade de Ifé, Nigéria.
1981	Retorno ao Brasil e cofundação do PDT, assumindo a vice-presidência.
1983–1987	Deputado Federal Constituinte pelo PDT-RJ.

1997–1999	Mandato como Senador pelo Rio de Janeiro.
2004	Indicado ao Prêmio Nobel da Paz.
2011	Faleceu no Rio de Janeiro, em 24 de maio.

Fonte: da autora

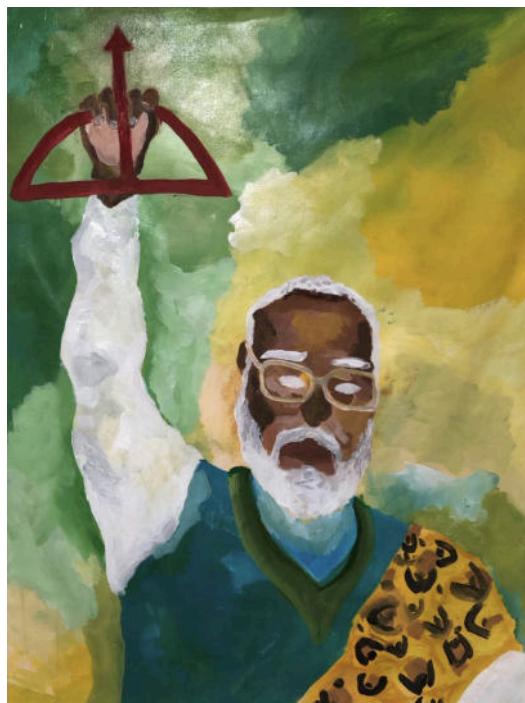


Figura 2 - Abdias Simba. Acrílica sobre a tela, 110x100cm. 2024

Fonte: Instagram do artista

Seu interesse pelas artes começou com a poesia e se desdobrou em múltiplas linguagens: teatro, pintura, curadoria, escrita e docência. Em 1944, fundou o Teatro Experimental do Negro (TEN), uma das mais relevantes iniciativas culturais negras do Brasil, que aliava formação cênica, consciência política e enfrentamento ao racismo institucional. O TEN surgiu num momento de promessas de democratização no pós-guerra, mas em um país que mantinha práticas racistas arraigadas em suas estruturas educacionais e artísticas. Por meio do TEN e do jornal Quilombo (1948–1950), Abdias já tinha acesso, mesmo que limitado e fragmentado, aos ideais pan-africanistas e anticoloniais em circulação no Brasil.

Foi durante seu exílio entre 1968 e 1981, em razão de perseguições políticas durante a ditadura militar, que Abdias aprofundou sistematicamente seu contato com o pensamento afro-diaspórico internacional. Estabelecido nos Estados Unidos, recebeu convite para lecionar como professor visitante na State University of New York (SUNY) Buffalo, onde atuou entre

1970 e 1981. Nesse ambiente acadêmico e militante negro vibrante, Abdias teve acesso pleno a bibliotecas, publicações, congressos e círculos intelectuais comprometidos com os direitos civis e a produção cultural negra. Foi nesse período que ele estudou e dialogou com autores como W.E.B. Du Bois, Marcus Garvey, Aimé Césaire, Malcolm X, Frantz Fanon, Ali Mazrui e Cheikh Anta Diop, formando uma base teórica sólida para a construção de seu pensamento.

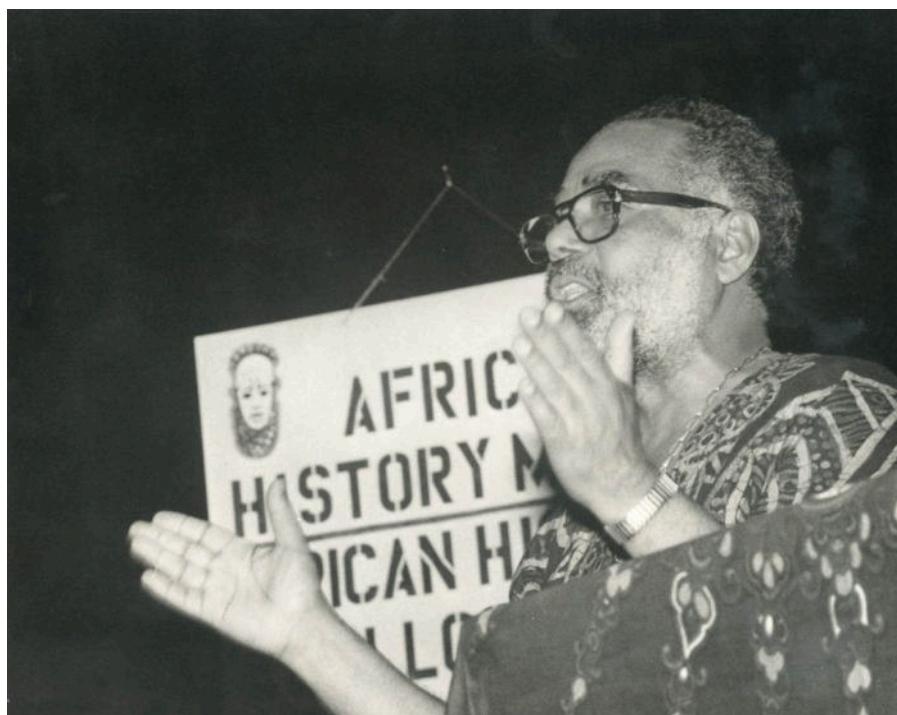


Figura 3 - 1978: Abdias Nascimento em evento do Centro Cultural Afro-Americano de Buffalo, Nova York (Estados Unidos) | Ron Wofford/

Fonte: Acervo Ipeafro

Marcus Garvey foi um líder nacionalista negro jamaicano que promoveu a unidade e o orgulho racial entre a diáspora africana. Ele fundou a Universal Negro Improvement Association (UNIA) e defendeu a volta dos afrodescendentes para a África, acreditando na criação de uma nação negra independente. Garvey é lembrado por sua visão de autodeterminação e por inspirar movimentos posteriores como o Rastafarianismo e o Black Power. W.E.B. Du Bois foi um sociólogo, historiador e ativista dos direitos civis que se destacou como um dos principais líderes negros nos Estados Unidos durante a primeira metade do século XX. Co-fundador da National Association for the Advancement of Colored People (NAACP), Du Bois foi um defensor da integração racial e da igualdade de direitos.

Aimé Césaire foi um poeta, ensaísta e político da Martinica que fundou o conceito de negritude, movimento que valorizava a identidade negra e combatia os efeitos do

colonialismo francês. Sua obra mais influente, Discurso sobre o colonialismo, denunciava a violência simbólica e material dos impérios coloniais e afirmava a dignidade das culturas africanas e afro-diaspóricas. Césaire teve papel decisivo na formação intelectual de pensadores como Frantz Fanon e é lembrado por articular poesia, política e luta anticolonial. Frantz Fanon foi um psiquiatra e filósofo nascido na Martinica, que se destacou como uma das vozes mais radicais contra o colonialismo francês na África. Atuando na Revolução Argelina, escreveu obras como Pele negra, máscaras brancas e Os condenados da terra, onde analisou os efeitos psicológicos da dominação colonial e defendeu a revolução como caminho para a libertação negra. Fanon é referência central no pensamento decolonial e pan-africanista, influenciando movimentos de libertação em todo o mundo. Ali Mazrui foi um intelectual queniano especializado em relações internacionais e cultura africana, conhecido por suas reflexões sobre o impacto do colonialismo britânico e do islamismo na África. Professor em universidades como Makerere (Uganda) e SUNY Binghamton (EUA), Mazrui defendia a revalorização das tradições africanas e a construção de uma identidade pan-africana moderna. Seu trabalho influenciou debates sobre geopolítica, cultura e autonomia africana no século XX. Cheikh Anta Diop foi um historiador, antropólogo e físico senegalês que revolucionou os estudos sobre a história africana ao demonstrar as origens negras das civilizações do Egito Antigo. Suas obras defendiam a unidade cultural africana e desafiavam a historiografia eurocêntrica que negava as contribuições negras para a civilização. Diop é lembrado como um dos maiores pensadores africanos do século XX e por seu papel central na construção de uma consciência histórica negra. Malcolm X foi um líder muçulmano afro-americano e figura proeminente na Nação do Islã, que articulou conceitos de orgulho racial e nacionalismo negro nos anos 1960. Após sua conversão ao Islã sunita, ele enfatizou a necessidade de autodefesa e autossuficiência entre os negros americanos. Malcolm X é lembrado por sua retórica poderosa e por influenciar movimentos de direitos civis e de liberação negra em todo o mundo. Além disso, Abdias teve contato com as correntes do movimento negro brasileiro e participou ativamente de organizações que buscavam promover os direitos civis e sociais dos afrodescendentes. Sua participação no Teatro Experimental do Negro, por exemplo, foi uma manifestação concreta de seu compromisso com a valorização da cultura afro-brasileira e com a luta contra o racismo.

Em 1977, foi convidado a participar do FESTAC 77, o Segundo Festival Mundial de Artes e Cultura Negras e Africanas, sediado na Nigéria, onde se encontrou com artistas, líderes religiosos, intelectuais e chefes de Estado africanos. Após o festival, permaneceu por um período na Nigéria como professor visitante na Universidade de Ifé (hoje Obafemi

Awolowo University), aprofundando ainda mais seu vínculo com o continente africano e fortalecendo suas conexões pan-africanistas.

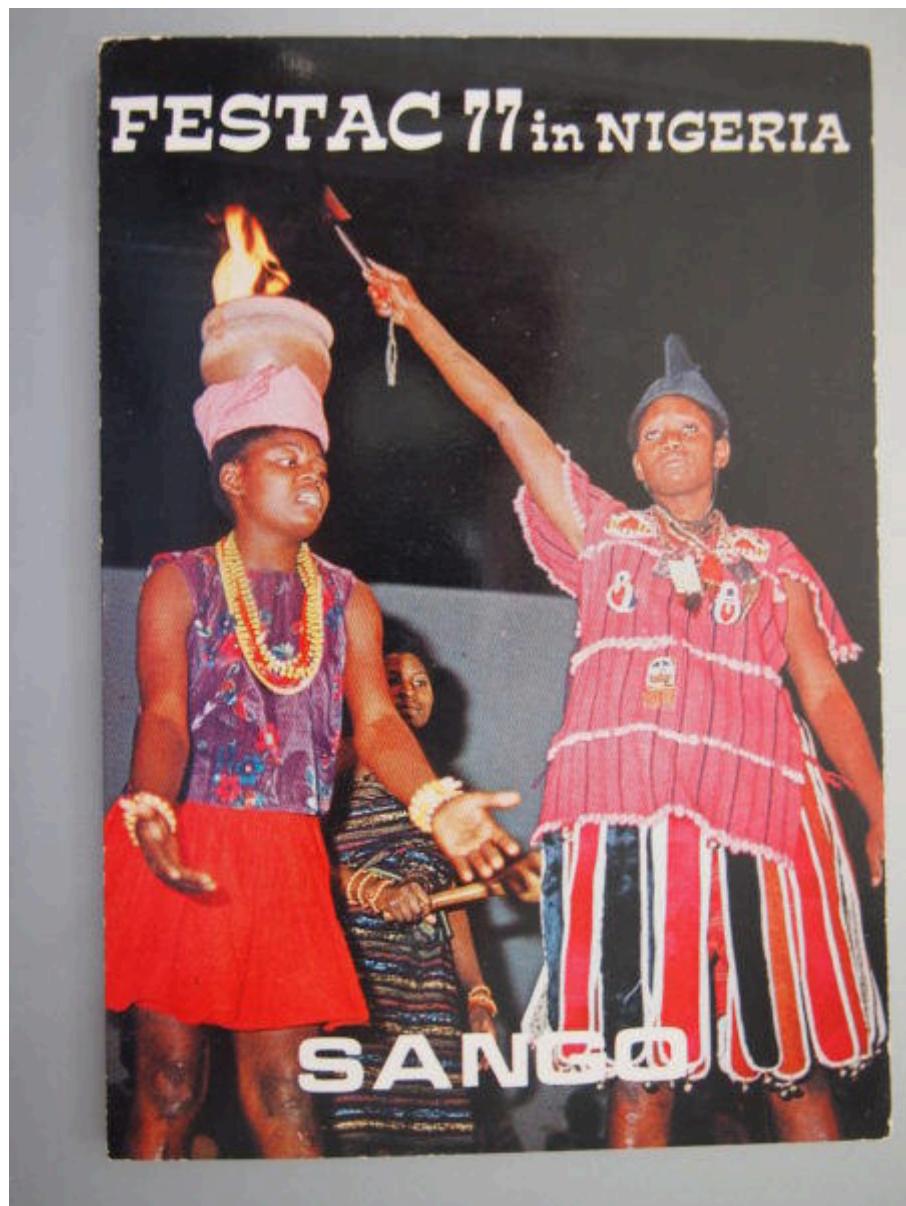


Figura 4 - Capa da revista. FESTAC 77, Lagos, 1977.

Fonte: Cortesia Arquivo PANAFEST

Essas experiências, somadas às vivências anteriores de Abdias no Brasil, consolidaram um pensamento que une estética, política, espiritualidade e insurgência. Sua passagem pelo Teatro Experimental do Negro, a atuação intelectual através do jornal Quilombo, os anos de exílio, e o contato direto com pensadores como Fanon, Césaire, Garvey e Malcolm X, lhe permitiram articular um pensamento negro brasileiro enraizado em realidades locais, mas profundamente conectado com as lutas da diáspora africana.

Foi a partir desse cruzamento entre o Brasil, os Estados Unidos, a Nigéria e as Américas negras que Abdias Nascimento formulou o Quilombismo — não como uma simples evocação do passado, mas como um projeto político e civilizatório com raízes na resistência dos quilombos históricos e braços estendidos ao pensamento pan-africanista contemporâneo. Suas formulações carregam a força dos refúgios negros, mas também o horizonte de futuros possíveis para as comunidades afrodescendentes no Brasil e no mundo.

É nesse contexto que o Quilombismo emerge, ao mesmo tempo como herança e reinvenção. Sua proposta não apenas resgata a memória dos quilombos como espaços de autonomia e dignidade, mas também os reatualiza como horizonte ético-político para as lutas negras do presente. A seguir, exploraremos como esse conceito foi elaborado por Abdias em sua obra e como se articula com as disputas por território, identidade e soberania cultural que ainda hoje mobilizam o povo negro no Brasil.

2. CAPÍTULO 2: ABDIAS NASCIMENTO ENTRE O BRASIL E O MUNDO: CORPO, MEMÓRIA E INSURGÊNCIA

Ao longo do século XX, a figura de Abdias Nascimento emergiu como uma das mais influentes expressões do pensamento político, filosófico e artístico da diáspora africana. Artista visual, dramaturgo, político, poeta, professor universitário, intelectual e ativista pan-africanista, Abdias foi um dos mais articulados e combativos defensores da valorização da cultura e identidade negra nas Américas. Sua atuação multifacetada tornou-se referência inescapável nos debates sobre as epistemologias negras e os caminhos de emancipação dos povos afrodescendentes.

A amplitude de sua trajetória é destacada por Elisa Larkin Nascimento, sua companheira de vida e uma das principais sistematizadoras de sua obra. No prefácio à coletânea "Sortilégio – Mistério Negro" (2011), Larkin o define como “um pensador original cuja proposta filosófica, o Quilombismo, contribui com ideias inovadoras para os paradigmas culturais e políticos do mundo contemporâneo”. Para ela, Abdias formulou um pensamento

de enraizamento africano, cuja base epistemológica se estrutura a partir da vivência histórica dos povos negros nas Américas e da cosmovisão africana que resiste e se atualiza na diáspora.

A relevância internacional de Abdias Nascimento foi reconhecida formalmente em 2004, quando seu nome foi inscrito pela UNESCO no registro do Programa Memória do Mundo. Este reconhecimento foi motivado pela singularidade e abrangência de seu acervo pessoal e intelectual, preservado pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO), com sede no Rio de Janeiro. Segundo a justificativa oficial da UNESCO, Abdias representa uma das vozes fundamentais do século XX para a valorização das culturas de matriz africana e a denúncia do racismo como estrutura global. No documento da UNESCO, enfatiza-se que Abdias “teve papel determinante na formulação de propostas concretas de políticas públicas de ação afirmativa, bem como na promoção da cultura negra como parte constitutiva das civilizações contemporâneas”.

2.1 O quilombismo

O conceito de Quilombismo, elaborado por Abdias Nascimento, emerge como uma peça fundamental para a compreensão da resistência cultural e política dos afrodescendentes no Brasil. Em sua obra seminal "O Quilombismo: Documentos de uma Militância Pan-Africanista" (1980), Nascimento não apenas apresenta o Quilombismo como uma forma de organização social inspirada nos quilombos históricos, mas também o define como uma filosofia de vida e luta que busca a autonomia e a valorização da cultura negra (Nascimento, 1980).

Os quilombos se tratam de comunidades formadas por pessoas negras fugitivas, escravizadas no período colonial brasileiro. Esses locais, geralmente situados em áreas de difícil acesso, como regiões de mata densa ou serras isoladas, surgiram como refúgios para aqueles que buscavam escapar da violência e da opressão da escravidão.

Nos quilombos, os fugitivos encontravam um espaço de liberdade relativa, onde podiam reconstruir suas vidas de forma autônoma, longe do controle dos senhores de escravos. Muitos quilombos desenvolveram sistemas de organização social próprios, baseados em princípios de igualdade e solidariedade, e cultivavam práticas de subsistência como agricultura, caça e pesca.

Além de servirem como refúgio para os fugitivos, os quilombos também desempenharam um papel importante na resistência contra a escravidão e na luta pela

liberdade. Muitos quilombolas enfrentaram ataques militares das autoridades coloniais em tentativas de retomar o controle sobre essas comunidades autônomas. Alguns quilombos, como o famoso Quilombo dos Palmares, resistiram por décadas, tornando-se símbolos de resistência e luta pela liberdade.

O legado dos quilombos é profundamente enraizado na história e na cultura afro-brasileira, representando uma importante expressão de resistência e resiliência do povo negro no Brasil. O conceito de Quilombismo, elaborado por Abdias Nascimento, busca resgatar e valorizar essa herança histórica, reconhecendo os quilombos não apenas como espaços físicos de refúgio, mas também como símbolos de autonomia, dignidade e luta pela igualdade.

Frantz Fanon, em suas obras sobre descolonização e identidade, complementa essa visão ao abordar a necessidade de reapropriação das narrativas históricas pelos povos oprimidos. Em "Pele Negra, Máscaras Brancas" (2008) e "Os Condenados da Terra" (2008), Fanon argumenta que a cultura é uma ferramenta poderosa na luta contra a alienação e a dominação colonial. Ele destaca que a colonização não apenas explora economicamente as populações colonizadas, mas também procura destruir suas identidades culturais, impondo valores e narrativas eurocêntricas que desumanizam e marginalizam os povos nativos.

Fanon defende que a descolonização cultural é essencial para a verdadeira libertação. Isso envolve uma reapropriação e ressignificação das narrativas históricas, onde os povos oprimidos recuperam suas vozes e reinterpretam suas histórias a partir de suas próprias perspectivas. Ele vê a cultura como um campo de batalha onde a luta pela dignidade, reconhecimento e poder ocorre. Ao resgatar e promover suas culturas, os povos colonizados desafiam a hegemonia cultural imposta e afirmam sua própria identidade e autonomia.

Ao reapropriar e promover suas culturas, as comunidades afro-brasileiras não apenas preservam suas tradições, mas também afirmam seu lugar na sociedade contemporânea, exigindo respeito e reconhecimento. Esta forma de resistência cultural, como defendida por Fanon e Nascimento, é crucial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde todas as vozes são ouvidas e valorizadas.

A aplicação do pensamento de Fanon ao contexto brasileiro realça a importância de movimentos como o Quilombismo, que busca empoderar comunidades negras através da valorização de suas heranças culturais e da promoção de uma identidade coletiva forte. O Teatro Experimental do Negro, fundado por Abdias Nascimento, exemplifica essa prática ao oferecer uma plataforma para artistas negros expressarem suas experiências e visões,

rompendo com os estereótipos e a invisibilidade imposta pelo racismo estrutural. Esse teatro não somente ampliou a visibilidade dos artistas negros, mas também promoveu uma revalorização da herança africana no Brasil, desafiando estereótipos e preconceitos.

A luta cultural descrita por Fanon e aplicada pelo Quilombismo de Nascimento é uma luta pela alma e pela mente das pessoas. Trata-se de um esforço para recuperar a autoestima e o orgulho racial, essenciais para enfrentar e superar a opressão. A arte e a cultura, nesse contexto, tornam-se instrumentos de resistência e transformação social, capazes de inspirar e mobilizar ações políticas e comunitárias.

Em *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro* (Nascimento, 2003), Abdias mergulha profundamente nos desafios enfrentados pela população negra no Brasil, bem como em suas aspirações por justiça, igualdade e liberdade. O livro reúne reflexões e conteúdos originalmente publicados no jornal **Quilombo**, criado por ele em 1948 como órgão oficial do Teatro Experimental do Negro (TEN). Em circulação até 1950, o periódico se destacou como um dos mais importantes veículos de imprensa negra da segunda metade do século XX, oferecendo uma plataforma crítica e afirmativa para expressar as vozes, experiências e demandas do povo negro. Seu subtítulo – “vida, problemas e aspirações do negro” – já indicava o compromisso político e pedagógico de seus editores.



Figura 5 - Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro. Ano I

Fonte: Acervo Ipeafro.

Ao assumir a direção editorial, Abdias construiu ali um espaço de articulação pan-africanista e denúncia do racismo institucional, ao mesmo tempo em que valorizava a cultura afro-brasileira em sua pluralidade. Assim, *Quilombo* não apenas informava, mas mobilizava e politizava seus leitores, fornecendo uma análise perspicaz dos problemas que permeavam suas vidas e das aspirações que impulsionavam suas lutas diárias.

Entre os problemas abordados nesta obra estão as questões estruturais relacionadas ao racismo institucionalizado, à exclusão socioeconômica e à violência racial. Nascimento e os colaboradores do jornal lançam luz sobre a realidade cotidiana da população negra, destacando a discriminação enfrentada em diversas esferas da sociedade brasileira, incluindo acesso desigual à educação, oportunidades de emprego limitadas e o desafio constante da criminalização da juventude negra.

Em *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro* (Nascimento, 2003), Abdias mergulha profundamente nos desafios enfrentados pela população negra no Brasil, bem como em suas aspirações por justiça, igualdade e liberdade. O livro reúne reflexões e conteúdos originalmente publicados no jornal *Quilombo*, criado por ele em 1948 como órgão oficial do Teatro Experimental do Negro (TEN). Em circulação até 1950, o periódico se consolidou como uma das mais importantes ferramentas da imprensa negra do século XX no Brasil, posicionando-se como espaço de denúncia do racismo, de afirmação cultural afro-brasileira e de construção de um pensamento político negro autônomo. Mais do que um projeto individual de Abdias, *Quilombo* foi uma experiência editorial coletiva e militante, que contou com colaborações de nomes como Guerreiro Ramos, Edison Carneiro, José Correia Leite, Lélia Gonzalez e Agostinho Olavo, além de artigos anônimos de militantes e intelectuais negros que circulavam nas redes formadas pelo TEN. As edições abordavam temas como a discriminação racial no trabalho e na educação, o papel das religiões afro-brasileiras na formação cultural do país, o apagamento da história dos quilombos e a necessidade de políticas públicas voltadas à população negra.

Seu subtítulo – “Vida, problemas e aspirações do negro” – expressava a amplitude de sua abordagem e o engajamento com uma pedagogia do cotidiano. Ao assumir a direção editorial, Abdias operava o jornal como um espaço de reexistência discursiva, em que intelectuais negros podiam produzir análises críticas fora dos filtros e silenciamentos da grande imprensa. *Quilombo* é, assim, um dos primeiros exemplos de imprensa negra moderna no Brasil pós-abolição, atuando como elo entre pensamento político, ativismo cultural e mobilização social.

Nesse contexto, o Quilombismo transcende as fronteiras geográficas do Brasil, sendo parte integrante de um movimento mais amplo de resgate e afirmação das identidades africanas e afrodescendentes. Abdias do Nascimento o concebe como uma expressão do panafricanismo, uma ideologia que busca a unidade, a solidariedade e a libertação de todos os povos africanos e afrodescendentes ao redor do mundo.

2.2 O panafricanismo

O panafricanismo, em sua essência, propõe a articulação política, cultural e espiritual entre os povos negros do continente africano e da diáspora, reconhecendo a existência de uma história comum marcada pela violência da escravidão, pelo colonialismo e pelas sucessivas formas de opressão e resistência. Surgido no final do século XIX e fortalecido ao longo do século XX, o panafricanismo se constituiu como um projeto ético e civilizatório que busca afirmar a unidade, a solidariedade e a emancipação das populações negras ao redor do mundo. No contexto brasileiro, o Quilombismo formulado por Abdias Nascimento se apresenta como uma expressão concreta dessa proposta, enraizado na experiência histórica dos quilombos e voltado à construção de uma identidade negra positiva, coletiva e insurgente.

Essa perspectiva oferece não apenas uma base teórica, mas também uma prática política de enfrentamento ao racismo estrutural e às heranças coloniais que ainda persistem nas estruturas sociais. O Quilombismo enfatiza a importância da solidariedade entre os povos negros e do fortalecimento das redes comunitárias como caminhos para a justiça social, a equidade e a reparação histórica. Ao promover vínculos de apoio dentro e fora do território nacional, o Quilombismo reivindica a centralidade da cultura como ferramenta de resistência e de transformação.

Nesse sentido, o Quilombismo propõe a criação e o fortalecimento de espaços autônomos de produção de saberes e de afirmação da ancestralidade africana, tomando como referência valores comunitários e espirituais forjados ao longo da diáspora. Inspirado pelo panafricanismo, esse projeto busca reconfigurar os modos de existir, resistir e imaginar futuros possíveis para os povos afrodescendentes. A criação de instituições próprias e a defesa de modelos educativos, culturais e econômicos baseados na experiência negra são partes fundamentais dessa proposta.

O ideal panafricanista influenciou movimentos de libertação no continente africano, assim como iniciativas fundamentais nas Américas, como o Movimento de Direitos Civis nos Estados Unidos e as articulações antirracistas do Caribe e da América Latina. Hoje, organismos como a União Africana, que reúne 55 países do continente, representam a continuidade dessas lutas em direção à integração política, econômica e cultural dos povos africanos, reafirmando o legado vivo do panafricanismo como horizonte de emancipação global.

O Quilombismo, nesse sentido, pode ser visto como uma forma de resistência cultural que desafia as estruturas de poder e promove a valorização da identidade afro-brasileira. Abdias Nascimento, ao desenvolver esse conceito, estava consciente da necessidade de reconstruir uma identidade negra positiva e autônoma. O Quilombismo propõe a recriação dos quilombos, não apenas como refúgios físicos, mas como espaços simbólicos de resistência e resiliência cultural. Esses espaços são essenciais para a preservação e revitalização das tradições afro-brasileiras, que foram sistematicamente desvalorizadas e reprimidas pela sociedade colonial e pós-colonial brasileira.

Embora Abdias Nascimento tenha sido um dos mais proeminentes formuladores do pensamento panafricanista no Brasil, é importante situar sua atuação em um campo mais amplo de mobilizações negras que também articulavam solidariedades transatlânticas e reivindicações de pertencimento africano. Sua aproximação com o pan-africanismo se intensifica ainda nos anos 1940, especialmente após o I Congresso do Negro Brasileiro (1944), e se consolida ao longo das décadas de 1950 e 1960, quando funda o Teatro Experimental do Negro (TEN) e lança o jornal Quilombo (1948–1950), espaços nos quais já dialogava com ideias de Du Bois, Nkrumah e outras lideranças africanas e afro-diaspóricas.



Figura 6 - “Em São Paulo o Negro vai às Ruas Protestar: Chega de Mãe Preta”, Revista Istoé, 1979

Fonte: Acervo Ipeafro.

Contudo, Abdias não atuava isoladamente. Na década de 1930 já havia assistido à fundação da Frente Negra Brasileira (FNB)³, em São Paulo, uma das primeiras organizações políticas negras do Brasil, com forte influência do catolicismo e do nacionalismo conservador da época. A FNB teve um papel fundamental na formação de quadros políticos e no surgimento de periódicos como O Menelick e A Voz da Raça, além de consolidar experiências de educação, assistência social e articulação comunitária. Embora Abdias tenha tido contato com a FNB e com figuras como José Correia Leite⁴, sua atuação posteriormente se diferencia por propor uma política não assimilacionista, fundada na estética, na ancestralidade africana e no pan-africanismo insurgente. Em seu Manifesto do Teatro Experimental do Negro (1944), Abdias já se opõe à ideia de integração pela via da mestiçagem, propondo uma arte negra como afirmação e denúncia.

³ A Frente Negra Brasileira (FNB), fundada em 1931, foi a primeira organização política negra de alcance nacional no Brasil. Atuou na educação, assistência social e imprensa negra, buscando a integração cívica da população negra, mas também reproduzindo certos valores conservadores da época.

Referência:

GOMES, Flávio dos Santos. Histórias do movimento negro no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2005.

⁴ José Correia Leite foi um importante militante e intelectual negro paulista, atuante na Frente Negra Brasileira e na imprensa negra dos anos 1930. Foi um dos organizadores do jornal A Voz da Raça e referência na articulação política e cultural do movimento negro no Brasil ao longo do século XX.

Referência:

LEITE, José Correia. O negro em São Paulo: depoimento. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1987.



Figura 7 - Frente Negra Brasileira (FNB), São Paulo, 1935.

Acervo Ipeafro

Além dos ativistas da FNB, intelectuais como Lino Guedes, Edison Carneiro e Solano Trindade também atuaram na afirmação de uma identidade negra politizada. Ruth de Souza, atriz formada pelo TEN, foi uma das primeiras a disputar os espaços do teatro e do cinema nacional, tensionando a representação do corpo negro feminino em cena. Beatriz Nascimento elaborou o conceito de quilombo como categoria política e diaspórica, aproximando-o do pan-africanismo. Já Lélia Gonzalez formulou a noção de “amefrikanidade”⁵, integrando raça, gênero e cultura negra numa perspectiva crítica latino-americana, convergente com a proposta de Quilombismo.

Ele Semog⁶, por sua vez, emergiu nos anos 1970 como um dos principais articuladores da literatura negra contemporânea. Sua obra poética, profundamente engajada, inscreve a palavra como território de resistência e memória, projetando no campo literário a

⁵ O conceito de amefrikanidade, elaborado por Lélia Gonzalez, propõe uma identidade política e cultural que articula as experiências das populações negras e indígenas nas Américas, integrando raça, gênero e classe a partir de uma perspectiva latino-americana e diaspórica.

Referência:

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefrikanidade. In: GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. Org. FLÁVIA RIOS; MÁRCIA LIMA. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

⁶ Ele Semog é poeta, contista e mestre em História Comparada pela UFRJ. Participou de grupos de poesia afrodescendente como “Garra Suburbana” e “Bate-Boca”, e fundou o grupo Negrícia em 1984. Foi presidente do CEAP e cofundador do jornal Maioria Falante. Fonte: Cultne, disponível em: <https://cultne.tv/personagens/ele-semog>. Acesso em: 9 jun. 2025.

luta por identidade, negritude e ancestralidade. Atuante no Movimento Negro Unificado (MNU) e nos Cadernos Negros, Ele Semog reforça, junto a autores como Cuti e Miriam Alves, uma linhagem poética que radicaliza a crítica ao mito da democracia racial — projeto já denunciado por Abdias desde os anos 1940.

Essas figuras, com trajetórias plurais, mostram que o pensamento negro brasileiro sempre foi tecido em rede, entre a oralidade e a letra, o palco e a rua, o corpo e o papel. A presença de organizações como a FNB, de mulheres intelectuais e de poetas como Ele Semog amplia o escopo do pan-africanismo proposto por Abdias, revelando que sua força não esteve apenas na liderança, mas também na capacidade de catalisar um campo político-estético coletivo e insurgente.

Ao longo do século XX, a figura de Abdias Nascimento emergiu como uma das mais influentes expressões do pensamento político, filosófico e artístico da diáspora africana. Artista visual, dramaturgo, político, poeta, professor universitário, intelectual e ativista pan-africanista, Abdias foi um dos mais articulados e combativos defensores da valorização da cultura e identidade negra nas Américas. Sua atuação multifacetada tornou-se referência inescapável nos debates sobre as epistemologias negras e os caminhos de emancipação dos povos afrodescendentes.

A amplitude de sua trajetória é destacada por Elisa Larkin Nascimento, sua companheira de vida e uma das principais sistematizadoras de sua obra. No prefácio à coletânea "Sortilégio – Mistério Negro" (2011), Larkin o define como “um pensador original cuja proposta filosófica, o Quilombismo, contribui com ideias inovadoras para os paradigmas culturais e políticos do mundo contemporâneo”. Para ela, Abdias formulou um pensamento de enraizamento africano, cuja base epistemológica se estrutura a partir da vivência histórica dos povos negros nas Américas e da cosmovisão africana que resiste e se atualiza na diáspora.

A relevância internacional de Abdias Nascimento foi reconhecida formalmente em 2004, quando seu nome foi inscrito pela UNESCO no registro do Programa Memória do Mundo. Este reconhecimento foi motivado pela singularidade e abrangência de seu acervo pessoal e intelectual, preservado pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO), com sede no Rio de Janeiro. Segundo a justificativa oficial da UNESCO, Abdias representa uma das vozes fundamentais do século XX para a valorização das culturas de matriz africana e a denúncia do racismo como estrutura global. No documento da UNESCO, enfatiza-se que Abdias “teve papel determinante na formulação de propostas concretas de

políticas públicas de ação afirmativa, bem como na promoção da cultura negra como parte constitutiva das civilizações contemporâneas”.

2.3 Linha do tempo da trajetória política, social e ativista de Abdias Nascimento.

Abdias Nascimento foi um prolífico intelectual, artista e ativista cuja vida foi dedicada à luta contra o racismo e pela valorização da cultura afro-brasileira. Além de sua atuação política e social, ele também se destacou no mundo das artes e da literatura, deixando um legado de obras significativas que continuam a inspirar gerações. Parte de sua história pode ser sintetizada na seguinte linha temporal:

- **1914:** Nascimento em Franca, São Paulo.
- **1930s:** Atuação na Frente Negra Brasileira e participação nas Revoluções de 1930 e 1932.
- **1938:** Organização e participação no Congresso Afro-Campineiro, em Campinas.
- **1944:** Fundação do Teatro Experimental do Negro (TEN), um marco na luta contra o racismo e pela valorização da cultura negra.
- **1948:** Criação do jornal “Quilombo”, que se tornou um veículo importante para a expressão e discussão de ideias relacionadas à vida, problemas e aspirações do povo negro.
- **1950s:** Ativismo no Movimento Negro Unificado (MNU) e contribuições ao Pan-Africanismo.
- **1968:** Exílio durante o regime militar, período em que começou a pintar, inspirado pela cultura africana, e realizou sua primeira exposição na Galeria de Arte do Harlem.
- **1976:** Publicação do livro “Memórias do Exílio”, onde relata suas experiências e reflexões sobre o racismo e a diáspora africana.
- **1981:** Fundação do Partido Democrático Trabalhista (PDT) e atuação como vice-presidente da legenda.
- **1997-1999:** Mandato como Senador pelo Rio de Janeiro, onde propôs leis de ações afirmativas.
- **2004:** Indicação ao Prêmio Nobel da Paz.
- **2011:** Falecimento no Rio de Janeiro, deixando um legado de luta e resistência.



Figura 8 - Abdias Nascimento discursa em convenção do Partido Democrático Trabalhista realizada no Congresso Nacional, em 1982.

Fonte: Acervo Ipeafro

2.4 O exílio de Abdias Nascimento nos Estados Unidos: entre perseguição, criação e internacionalização

A ida de Abdias Nascimento para os Estados Unidos, em 1968, não foi um gesto voluntário, mas uma necessidade imposta pelas condições políticas do Brasil sob a ditadura civil-militar (1964–1985). À época, Abdias era uma figura pública de destaque: intelectual, artista e ativista negro, com histórico de enfrentamento ao racismo institucional e à marginalização da população negra nas esferas culturais e políticas. A intensificação da repressão após o Ato Institucional nº 5 (AI-5) o colocou na mira dos órgãos de controle do regime, forçando-o ao **exílio político**.

Nos Estados Unidos, Abdias permaneceu por **13 anos, entre 1968 e 1981**, período em que se estabeleceu majoritariamente no estado de Nova York, com passagens significativas também pela Nigéria. Durante esse tempo, foi professor visitante no **Department of Africana and Puerto Rican Studies da State University of New York (SUNY) campus Buffalo**, onde desenvolveu uma intensa atividade acadêmica e militante. Lecionou disciplinas ligadas à história da África, literatura negra das Américas, política da diáspora e estética afro-diaspórica. Sua inserção no ambiente universitário coincidiu com o fortalecimento do movimento dos Black Studies, criando um terreno fértil para trocas com intelectuais como **Amiri Baraka, Maulana Karenga, Sonia Sanchez e Angela Davis**.

Além do ensino, Abdias criou a **Black Art Gallery** no campus da SUNY, espaço voltado à promoção de artistas negros e à valorização da produção visual afro-diaspórica. A galeria não só abrigou exposições suas como também sediava debates, performances e encontros comunitários. Foi nesse contexto que sua **produção pictórica se intensificou**, especialmente com a série *Deuses da África*, na qual incorporava elementos das cosmologias iorubanas e banto em composições simbólicas e coloridas que articulavam espiritualidade, ancestralidade e resistência política.

Durante o exílio, Abdias também se dedicou à escrita de ensaios e livros. Um dos mais importantes é “**O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**” (escrito nos anos 1970 e publicado em 1980), em que consolida sua proposta filosófico-política baseada na experiência histórica dos quilombos como forma de organização comunitária, autonomia cultural e reexistência negra. Esse período foi marcado também por conferências internacionais, articulações com movimentos pan-africanos e sua participação no **FESTAC 77**, na Nigéria, onde foi impedido de representar oficialmente o Brasil, mas participou como convidado de honra da diáspora.

Seu retorno ao Brasil se deu em **1981**, com o processo de reabertura política em curso. A volta marcou não apenas o reencontro com o país, mas a reinserção de Abdias no cenário institucional: no ano seguinte, foi eleito deputado federal constituinte pelo PDT, aprofundando sua atuação no campo legislativo, especialmente na proposição de leis ligadas à igualdade racial, ações afirmativas e combate à intolerância religiosa.

O exílio, portanto, não representou um afastamento ou interrupção de sua trajetória, mas uma fase de expansão e internacionalização de sua atuação. Foi nos EUA que Abdias consolidou-se como figura transnacional, reunindo os papéis de **intelectual, artista, professor, militante e pensador pan-africanista**, construindo pontes entre o Brasil, a África e as Américas negras. Em Yale, ele se concentrou nas artes dramáticas, provavelmente explorando a interseção entre teatro e questões sociais, enquanto em Buffalo, ele foi Professor Emérito e fundou a cátedra de Culturas Africanas no programa de Estudos Porto-Riquenhos. Na Universidade de Ifé, ele contribuiu para o Departamento de Línguas e Literaturas Africanas, enfatizando a importância da educação e da cultura africana.

Essas experiências como educador permitiram que Abdias Nascimento influenciasse e inspirasse estudantes e acadêmicos, promovendo uma compreensão mais profunda da diáspora africana e das questões raciais no Brasil e além. Seu trabalho como professor visitante foi um componente vital de sua missão de vida para educar sobre e combater o racismo, e para fortalecer a identidade e a cultura afro-brasileira.

As premiações recebidas por Abdias Nascimento e pelo TEN também são indicativos do reconhecimento de seu trabalho e de sua contribuição para a cultura brasileira. Esses prêmios não apenas destacaram a excelência artística e intelectual do grupo, mas também serviram como uma forma de legitimar e valorizar a produção cultural afro-brasileira em um contexto dominado pela hegemonia cultural eurocêntrica.

Entre os prêmios que ele recebeu estão:

- **Prêmio UNESCO na categoria “Direitos Humanos e Cultura”** (2001): Este prêmio foi concedido a Abdias em reconhecimento ao seu trabalho na luta contra o racismo e na promoção da cultura afro-brasileira¹.
- **Prêmio Comemorativo da ONU por Serviços Relevantes em Direitos Humanos** (2003): Este prêmio destacou a importância de suas iniciativas em defesa dos direitos humanos.
- **Indicação ao Prêmio Nobel da Paz**: Abdias foi indicado duas vezes para o Nobel da Paz, nos anos de 1978 e 2010, o que reflete o impacto global de seu ativismo.
- **Ordem do Mérito Cultural** (2007): Este prêmio do governo brasileiro reconhece personalidades que têm contribuições significativas para a cultura do país.
- **Ordem de Rio Branco**: Abdias foi agraciado com o grau de Oficial em 2001 e de Comendador em 2006, prêmios que homenageiam serviços meritórios e virtudes cívicas.

Essas premiações são testemunhos do papel fundamental de Abdias do Nascimento na valorização da cultura afro-brasileira e na luta contra o racismo, tanto no Brasil quanto no cenário internacional. Elas servem como um reconhecimento oficial da excelência e da importância de seu trabalho, desafiando a hegemonia cultural e promovendo a diversidade.

Sua atuação política foi marcada por uma série de conquistas significativas. Como parlamentar, Nascimento propôs e apoiou leis que visavam beneficiar diretamente a população negra e promover a igualdade racial. Sua presença na Assembleia Legislativa e no Congresso Nacional não apenas influenciou a legislação, mas também contribuiu para aumentar a conscientização social sobre questões raciais.

Ele foi um dos principais articuladores na instituição do Dia Nacional da Consciência Negra, que é celebrado em 20 de novembro, data da morte de Zumbi dos Palmares. Essa data não apenas homenageia Zumbi, mas também serve como um momento de reflexão sobre a trajetória de luta e resistência do povo negro no Brasil, além de destacar a importância da promoção da igualdade racial e do combate ao racismo em todas as esferas da sociedade.



Figura 9 - Abdias Nascimento participa de peregrinação à Serra da Barriga, sítio histórico do Quilombo dos Palmares, 1983 (foto: Arquivo Sphan)

Fonte: Agência Senado

Abdias Nascimento desempenhou um papel fundamental na promoção dessa data e na conscientização sobre a importância da cultura afro-brasileira e da luta contra o racismo. Sua atuação como parlamentar, professor, escritor, artista e líder comunitário contribuiu significativamente para a conscientização sobre a história e as contribuições dos negros para a sociedade brasileira. Além disso, as campanhas e movimentos liderados por Abdias mobilizaram a sociedade civil, inspirando outros líderes e ativistas a se engajarem na luta pelos direitos civis e pela igualdade racial. Seu ativismo incansável teve um efeito multiplicador nas ações contra o racismo, promovendo uma mudança significativa na mentalidade coletiva do país.

2.5 A escrita como instrumento de luta: a produção literária de Abdias Nascimento

Além das suas atividades teatrais, Abdias Nascimento também deixou um legado significativo como escritor. Suas obras literárias abordam uma variedade de temas relacionados à história, cultura e política dos negros no Brasil, oferecendo uma perspectiva única e indispensável sobre essas questões. Seus escritos continuam a inspirar e informar as gerações atuais de ativistas, intelectuais e artistas engajados na luta pela igualdade racial e pela valorização da cultura afro-brasileira.

Entre suas principais obras está *Sortilégio – Mistério Negro* (1951), peça teatral que inaugura uma dramaturgia negra antirracista no Brasil, revelando o sincretismo religioso afro-brasileiro como instrumento de resistência e identidade. Nessa obra, Abdias subverte o

modelo teatral branco-europeu e insere elementos das cosmologias iorubás, explorando o sagrado como força política e estética. Outro marco de sua produção é o livro *O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista* (1980), no qual Abdias sistematiza sua proposta filosófico-política de organização da população negra a partir dos valores dos quilombos históricos, entendidos não apenas como refúgios de escravizados, mas como modelos de sociedade plural, autônoma e anticolonial. A obra constitui referência fundamental para os estudos sobre pan-africanismo e políticas de ação afirmativa no Brasil e em países da diáspora.

Em *Dramas para negros e prólogo para brancos* (1961), coletânea de peças teatrais, Abdias reafirma sua crítica à exclusão estrutural dos negros do circuito artístico nacional, questionando os padrões estéticos eurocentrados que dominaram o teatro brasileiro até então. As peças ali reunidas encenam personagens negras com protagonismo e complexidade, em oposição à tradição de papéis estereotipados.

O Negro Revoltado (1968), publicado no exílio, reúne textos, ensaios e reflexões políticas e culturais que denunciam a opressão estrutural sofrida pela população negra no Brasil e nas Américas. Abdias propõe, nesse livro, uma consciência histórica radical e um repositionamento do sujeito negro como agente de transformação social, conectando o pensamento político negro brasileiro às lutas anticoloniais africanas e à militância internacionalista da diáspora.

O livro *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado* (1978) é uma das obras mais contundentes de sua trajetória intelectual. Nele, Abdias denuncia o extermínio físico, cultural e simbólico da população negra no Brasil, utilizando dados estatísticos, análises históricas e argumentos ético-políticos. Essa obra foi decisiva para internacionalizar a denúncia do racismo brasileiro e embasou a indicação de Abdias ao Prêmio Nobel da Paz em 2004.

Em sua autobiografia *Memórias do exílio* (1981), Abdias rememora o período em que foi forçado a deixar o país durante a ditadura militar. Nesse livro, ele narra suas experiências como artista e militante na diáspora africana e nas Américas, estabelecendo conexões entre o movimento negro brasileiro e os processos de luta por independência e autodeterminação nos países africanos e caribenhos. A obra se constitui como importante documento político e afetivo, demonstrando o alcance transnacional de sua atuação.

Essas publicações compõem um corpus essencial da literatura político-cultural afro-brasileira, articulando pensamento, arte e militância. Abdias utilizou a palavra escrita como instrumento de denúncia e de criação de novas possibilidades de existência negra no

Brasil e no mundo, consolidando-se como um dos maiores intelectuais da diáspora africana no século XX.

2.6 Um Negro Revoltado e as memórias do I Congresso do Negro Brasileiro

Nascimento foi uma verdadeira força de mudança, destacando-se em diversas áreas, desde a política até as artes visuais e cênicas, conforme este estudo reafirma. Dentre seus vários campos de atuação, sua contribuição como artista visual é significativa, explorando temas como a cultura religiosa da diáspora africana e a resistência à escravidão e ao racismo. As passagens de Abdias, tanto no Brasil quanto no exterior, ajudaram a ampliar o alcance e o impacto de sua mensagem. Abdias Nascimento, além de ser um ativista fervoroso, foi um autor cujas obras literárias refletem profundamente suas lutas e visões políticas e culturais.

O livro *Um Negro Revoltado*, publicado em 1982, é mais do que uma autobiografia: é um manifesto político, um testemunho histórico e um exercício de memória insurgente. Escrito em primeira pessoa, Abdias Nascimento narra suas experiências como militante, artista e intelectual negro em um Brasil estruturado pelo racismo. Ao longo da obra, ele costura vivências pessoais com análises críticas do contexto social e político que moldou suas ações. A escrita de Abdias é marcada por indignação, lucidez e uma profunda fé na possibilidade de transformação coletiva. Como ele próprio afirma, trata-se da voz de um homem negro “que não se resignou”, e que ao invés disso, “organizou sua revolta”.

Dentre os episódios narrados em *Um Negro Revoltado*, o I Congresso do Negro Brasileiro, realizado em 1950 no Rio de Janeiro, ocupa um lugar de destaque. Organizado pelo Teatro Experimental do Negro (TEN), o Congresso foi uma iniciativa sem precedentes na história do país. Reuniu militantes, pesquisadores, professores, estudantes, artistas e representantes de diferentes organizações negras de várias partes do Brasil, num esforço articulado de diagnóstico das condições da população negra e proposição de estratégias coletivas de superação do racismo.



Figura 10 - Foto: Jorge Prado Teixeira (de pé); Edison Carneiro, Guerreiro Ramos, Hamilton Nogueira, Ruth de Sousa, Milca Cruz, Abdias Nascimento e uma taquigrafia.
Fonte: Acervo Ipeafro.

O evento contou com a presença de figuras como Guerreiro Ramos, Edison Carneiro, Lino Guedes, entre outros nomes relevantes do pensamento e da militância negra da época. As mesas de debate abordaram temas como educação, saúde, trabalho, cultura, religião, identidade e política, sempre a partir da experiência concreta da população negra brasileira. Ao invés de se limitar a diagnósticos, o Congresso teve caráter propositivo e pedagógico: seus participantes redigiram relatórios, propostas de políticas públicas e documentos de denúncia. Para Abdias, o Congresso representava uma tentativa ousada de “fundar um novo patamar de consciência negra” no Brasil. Como escreveu mais tarde:

O I Congresso do Negro Brasileiro não foi apenas um evento: foi a materialização do nosso sonho de articulação nacional, de um projeto de nação negra dentro da nação brasileira.”
(Nascimento, Um Negro Revoltado, p. 84, 1982)

A realização do Congresso marca um ponto de inflexão na trajetória do TEN: a atuação artística passa a caminhar lado a lado com uma militância de base mais estruturada, voltada à educação política e à formulação de políticas culturais. Nesse sentido, o TEN não se consolidava apenas como um coletivo teatral, mas como um verdadeiro núcleo de pensamento negro radical, capaz de articular estética, espiritualidade e práxis social. Esse ethos, gestado no Brasil na década de 1940, teria ressonâncias profundas nas décadas seguintes.

2.7 FESTAC 77 e seus desdobramentos internacionais

O FESTAC 77 (Festival Mundial de Artes e Cultura Negras e Africanas), realizado em Lagos, Nigéria, do qual Abdias participou como convidado de honra, representando o Brasil e os ideais do TEN em escala pan-africana. Mais do que um festival artístico, o evento foi uma reafirmação simbólica do pan-africanismo como projeto político e cultural transcontinental. A presença de Abdias no FESTAC não foi um acaso: era o reconhecimento da trajetória do TEN como experiência singular de construção de uma estética negra de resistência nas Américas.

No FESTAC, Abdias reencontra, em solo africano, as bases espirituais, filosóficas e políticas que já norteavam o TEN desde sua fundação: a valorização da ancestralidade, a centralidade do corpo negro como instrumento de criação e reexistência, e o uso da arte como campo de batalha simbólica. Ao lado de intelectuais, líderes religiosos e artistas de dezenas de países africanos e da diáspora, ele percebe que o TEN havia antecipado, em sua prática, muitos dos princípios que o pan-africanismo propunha.

Como escreveu posteriormente:

“O TEN era, sem saber, um quilombo internacional. No FESTAC eu vi que estávamos, há décadas, dançando a mesma dança da libertação.”

(Nascimento, conferência proferida em Ifé, Nigéria, 1978)

A partir dessa vivência, Abdias não apenas se fortalece como pensador pan-africanista, mas propõe a ideia de que o Quilombismo é também um pan-africanismo brasileiro, nascido da dor e da esperança de um povo que resistiu à diáspora com cultura, fé e invenção. A participação de Abdias Nascimento no FESTAC 77 – o Segundo Festival Mundial de Artes e Cultura Negras e Africanas – representou um ponto alto e ao mesmo tempo profundamente conflituoso de sua trajetória política e intelectual. Embora convidado diretamente por comissões pan-africanas e por universidades norte-americanas onde lecionava, Abdias foi deliberadamente excluído da delegação oficial brasileira enviada ao evento pelo Itamaraty, controlado pelo regime militar da época.

Naquele contexto, o Brasil promovia internacionalmente uma imagem de democracia racial, ao mesmo tempo em que reprimia sistematicamente os movimentos negros e impedia a ascensão de vozes dissidentes como a de Abdias. A presença do artista e ativista no evento foi vista como uma afronta pela diplomacia brasileira, que procurava evitar que ele tivesse espaço para denunciar o racismo estrutural e o autoritarismo vigente. Seu discurso de

abertura foi censurado, e ele foi mantido à margem das programações oficiais — apesar de ser um dos intelectuais negros mais respeitados da diáspora naquele momento.

Esse gesto do Estado brasileiro não apenas expunha a hipocrisia da política externa da ditadura, como revelava o lugar desconfortável que Abdias ocupava: negro demais para ser legitimado pelo poder branco, politizado demais para ser apenas folclorizado pela cultura oficial. Como escreveu posteriormente:

“Fui convidado pela África, mas negado pelo Brasil. Meu corpo estava presente entre os tambores, os cânticos e as máscaras; mas o Estado que deveria me reconhecer preferiu calar minha voz.”

(Abdias Nascimento, entrevista ao jornal Quilombo, 1980)

Mesmo diante dessas adversidades, sua presença no FESTAC não foi esvaziada. Ao contrário: foi amplificada pela solidariedade transnacional entre intelectuais e militantes negros de diferentes partes do mundo. Ao lado de artistas, líderes religiosos e pensadores pan-africanos, Abdias reencontrava no continente africano os ecos do projeto que vinha articulando desde o Teatro Experimental do Negro (TEN): uma arte que fosse política, um corpo negro que ocupasse o centro da narrativa, e uma espiritualidade ancestral como fundamento civilizatório.

Esse episódio de confronto entre Abdias e a diplomacia oficial brasileira também deve ser lido à luz das relações com os movimentos raciais da época. No Brasil dos anos 1970, despontava uma nova geração de militantes negros, sobretudo a partir do Movimento Negro Unificado (MNU), fundado em 1978, que denunciava abertamente o mito da democracia racial. Abdias, ainda que em exílio, era referência para esses jovens ativistas, especialmente por sua clareza ao vincular cultura, espiritualidade e ação política.

O isolamento político imposto a Abdias durante o FESTAC pode ser entendido como um símbolo: ele representava um Brasil negro que o próprio Estado insistia em apagar um Brasil que não cabia na narrativa oficial, mas que ganhava força nos palcos, nos terreiros, nos jornais de bairro e nos panfletos distribuídos nas periferias. Sua exclusão da delegação brasileira era também uma tentativa de impedir que a voz da população negra brasileira fosse ouvida em um fórum global. E sua insistência em comparecer, por meios alternativos, com financiamento internacional é a prova de que o pan-africanismo, para Abdias, não era um ideal distante, mas uma prática viva, mesmo quando enfrentava fronteiras, boicotes e silenciamentos.

2.8 Análise das construções e vivências do Teatro Experimental do Negro

O Teatro Experimental do Negro (TEN), fundado por Abdias Nascimento em 1944, foi uma iniciativa pioneira na promoção da cultura afro-brasileira e na luta contra o racismo no Brasil. Além de suas produções teatrais, o TEN desempenhou um papel crucial na articulação de debates sobre identidade, representação e justiça social.

Entre as figuras que participaram do TEN, destacam-se nomes como Ruth de Souza, Haroldo Costa, Deolinda Rodrigues, Agostinho Olavo, Isaura Bruno e Léa Garcia — artistas que se tornaram referências da dramaturgia e da representatividade negra nas décadas seguintes. As experiências do TEN foram marcadas por uma série de eventos e atividades que contribuíram para a conscientização e mobilização em torno das questões raciais, deixando um legado duradouro para o panorama cultural e político do país, incluindo:

1. **Produções Teatrais:** O TEN encenou diversas peças que abordavam questões relacionadas à cultura afro-brasileira e à discriminação racial, como "O Imperador Jones" de Eugene O'Neill, "Orfeu da Conceição" de Vinicius de Moraes e "Sortilégio" de Abigail Moura.
2. **Conferências e Palestras:** O grupo promoveu uma série de conferências e palestras que discutiam temas como identidade negra, representação no teatro e políticas públicas para combater o racismo.
3. **Atividades Educativas:** O TEN desenvolveu programas educativos para conscientizar o público sobre a história e a cultura afro-brasileira, incluindo workshops, seminários e cursos.
4. **Manifestações Culturais:** Além do teatro, o TEN promoveu outras manifestações culturais, como exposições de arte, performances musicais e recitais de poesia, destacando a diversidade e a riqueza da herança africana no Brasil.
5. **Engajamento Político:** O TEN esteve envolvido em atividades políticas, participando de movimentos de resistência contra a discriminação racial e defendendo a igualdade de direitos para a população negra.

O TEN não era apenas um grupo teatral; era um movimento de resistência cultural e social. Abdias utilizou o teatro como uma plataforma para educar e conscientizar sobre as questões raciais, promovendo a igualdade e a justiça social. Ele produziu e dirigiu peças que abordavam a experiência negra, muitas vezes incorporando elementos da cultura africana e

afro-brasileira, e desempenhou um papel significativo em festivais internacionais de cultura negra, apesar da censura e da repressão do governo brasileiro da época.

2.8.1 O palco como trincheira: o TEN entre arte, política e exílio

Uma das peças mais emblemáticas encenadas pelo TEN foi “Sortilégio: mistério negro” (1951), escrita por Abdias. A obra acompanha a trajetória de um homem negro em crise identitária, que, pressionado por forças externas, tenta embranquecer-se espiritualmente — até reencontrar sua ancestralidade e reconhecer a negritude como potência. A peça, ao tratar simbolicamente do processo de embranquecimento como imposição social, tensionava diretamente os discursos da democracia racial. Abdias integrava ali sua crítica ao racismo institucional, à exclusão social e à invisibilidade dos corpos negros, condensando em cena os eixos centrais de sua atuação: política, cultura, direitos civis e afirmação da identidade negra. Como ele próprio escreveu sobre Sortilégio:

“É uma alegoria da opressão racial e do resgate espiritual do negro brasileiro, uma cerimônia de descolonização da alma.”

As montagens do TEN confrontavam o público e a crítica branca, incomodavam autoridades e denunciavam, em cena, as estruturas da desigualdade racial. Com o passar dos anos, o grupo expandiu sua atuação para além dos palcos: promoveu concursos de beleza negra, debates, feiras de cultura afro-brasileira e o jornal Quilombo, criando uma rede ampla de mobilização e formação política da população negra.



Figura 11 - Foto por José Medeiros. Abdiás Nascimento em cena de "Sortilégio", Abdiás Nascimento, 1957.

Fonte: Acervo Ipeafro

A repressão da ditadura militar, iniciada em 1964 e aprofundada após o AI-5 (1968), asfixiou financeiramente e politicamente o TEN. O grupo teve suas atividades sistematicamente vigiadas, perdeu apoio institucional e foi marginalizado pela política cultural do regime. Abdiás passou a ser alvo de perseguições diretas e, em 1968, partiu para o exílio, encerrando, simbolicamente, o ciclo do TEN no Brasil. Mas o projeto de resistência não cessou — apenas se deslocou geograficamente.

Nos Estados Unidos, Abdiás foi acolhido por intelectuais e instituições comprometidas com as lutas por direitos civis e cultura negra. Convidado pela State University of New York (SUNY) – Buffalo, tornou-se professor do Departamento de Estudos Africanos, onde lecionou disciplinas como Literatura Negra das Américas, Política e Cultura da Diáspora, História da África Pré-Colonial e Artes Visuais Africanas. Lá, fundou a Black

Arts Gallery, espaço voltado exclusivamente à exposição de obras de artistas negros — projeto pioneiro para a época.



Figura 12 - Nova York (Estados Unidos), 1978: Lélia Gonzalez, Abdias Nascimento e Leonel Brizola em encontro promovido por Abdias | Elisa Larkin Nascimento

Fonte: Acervo Ipeafro

Durante esse período, Abdias teve contato direto com figuras centrais do ativismo e do pensamento negro norte-americano, como Amiri Baraka, Angela Davis, Maulana Karenga, James Baldwin e intelectuais vinculados ao Black Studies Movement. Embora não tenha tido registro documentado de um encontro direto com Malcolm X, suas ideias já circulavam amplamente nos meios em que Abdias atuava, especialmente nos debates sobre nacionalismo cultural, autodeterminação e racismo sistêmico.

Seu envolvimento com estudantes afro-americanos foi profundo. Ele incentivava a produção artística como forma de afirmação racial, organizava exposições, orientava pesquisas e mantinha uma pedagogia afetiva, baseada no respeito às tradições afro-diaspóricas. Muitos de seus alunos seguiram caminhos no ativismo, na curadoria e na educação. Além das aulas, Abdias produziu, durante o exílio, parte significativa de sua obra pictórica, como as séries Deuses da África, Yorubá: civilização negra e Espíritos da

Ancestralidade. Pintava com tintas vibrantes, figuras simbólicas e títulos em iorubá, em clara afirmação de pertencimento e afirmação espiritual. Ele mesmo afirmava que suas telas eram “rezas pintadas”.



Figura 13 - Okê, Oxóssi. 1970. Abdias Nascimento. Coleção MASP. Doação Elisa Larkin Nascimento | IPEAFRO, no contexto da exposição Histórias afro-atlânticas, 2018.

Fonte: Acervo Ipeafro

Nos EUA, Abdias também escreveu artigos, concedeu entrevistas a periódicos como Black World e Negro Digest, e começou a organizar os manuscritos que dariam origem ao livro O Quilombismo, publicado ao retornar ao Brasil. Sua prática artística, pedagógica e política nos Estados Unidos foi, portanto, uma extensão viva do TEN, agora em escala internacional.

2.9 IPEAFRO: memória, educação e pan-africanismo como projeto de futuro

A fundação do IPEAFRO – Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros, em 1981, por Abdias Nascimento e Elisa Larkin Nascimento, marca um ponto de inflexão na articulação entre militância negra, produção de conhecimento e preservação da memória afro-brasileira. O instituto foi criado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com apoio de dom Paulo Evaristo Arns e de estudantes negros, no momento em que Abdias retornava ao Brasil após 13 anos de exílio. A proposta era consolidar um centro de estudos e referência ancorado em seu extenso acervo, reunido desde os anos 1920, e articulado com a filosofia política do Quilombismo.

Desde sua origem, o IPEAFRO se constituiu como uma plataforma interdisciplinar de pesquisa, documentação, preservação, educação e produção cultural, voltada à valorização dos saberes, expressões e lutas da população negra. A atuação conjunta de Abdias e Elisa Larkin estruturou o instituto não apenas como guardião de um acervo único, mas como espaço vivo de formação, diálogo internacional e incidência política.

Um dos marcos inaugurais dessa trajetória foi a realização do 3º Congresso de Cultura Negra das Américas, em 1982, no Rio de Janeiro, organizado pelo IPEAFRO. O evento contou com a presença do Congresso Nacional Africano (ANC) de Nelson Mandela, da SWAPO da Namíbia e de representações culturais e intelectuais de diversos países africanos, caribenhos e latino-americanos. A iniciativa simbolizou a reinserção do Brasil nos circuitos pan-africanistas e fortaleceu os laços entre as lutas negras no Sul Global.



Figura 14 - São Paulo (SP), 1982: 3º Congresso de Cultura Negra das Américas | Abelardo B. Alves Neto

Fonte: Acervo Ipeafro.

A atuação do IPEAFRO também esteve presente nas lutas legislativas e jurídicas contra o racismo. Em 1983, com o apoio da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) em São Paulo e de advogados negros, Abdias Nascimento apresentou o Projeto de Lei nº 1.661/1983, que visava criminalizar o racismo — resultando, anos depois, na Lei nº 7.716/1989. Essa proposta se inscreve em um conjunto de ações do instituto voltadas à transformação estrutural da sociedade brasileira. Sob a coordenação de Elisa Larkin Nascimento, o IPEAFRO liderou ainda diversos programas educacionais, como os cursos “Conscientização da Cultura Afro-Brasileira”, ministrado na PUC-SP, e “Sankofa – Conscientização da Cultura Afro-Brasileira”, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que se desdobraram no Fórum Educação Afirmativa Sankofa. Essas ações foram fundamentais para a construção de práticas pedagógicas voltadas à valorização da história e das culturas africanas e afro-brasileiras, muito antes da promulgação da Lei 10.639/2003.

Entre 1983 e 1987, o IPEAFRO publicou a revista bilíngue Afrodiáspora, que reunia textos críticos, ensaios, entrevistas e poemas de autores e autoras negras de diferentes partes do mundo. A publicação consolidou o instituto como um ponto de convergência das epistemologias negras e das conexões da diáspora africana, assumindo um papel fundamental na construção de uma linguagem intelectual anticolonial.

A dimensão cultural e artística do IPEAFRO também foi ampliada com a concepção do Museu de Arte Negra (MAN), idealizado por Abdias Nascimento nos anos 1950 e consolidado como museu itinerante nos anos 1980 e 1990. A parceria entre o IPEAFRO e o MAN garantiu a preservação, difusão e ativação de um acervo de obras de artistas negros e negras, como Agnaldo Manuel dos Santos, Rubem Valentim, Wilson Tibério, entre outros, além das próprias pinturas de Abdias, que conjugam estética, espiritualidade e militância.

O trabalho do IPEAFRO, conduzido por Elisa Larkin Nascimento desde a década de 1990 como diretora-presidente, foi responsável por expandir nacional e internacionalmente o legado político, artístico e intelectual de Abdias Nascimento, com exposições realizadas em cidades brasileiras, em Nova York e Lagos (Nigéria), além da produção de livros fundamentais como “Orixás: Os Deuses Vivos da África”, publicado em 1995, que articula pintura, texto e religiosidade para afirmar a dignidade das cosmologias de matriz africana. Seus mais de 40 anos de atuação atestam a potência de uma instituição que não apenas resguarda memórias, mas forja caminhos para a reconstrução de uma história da arte e da cultura brasileira atravessada pelas vozes negras. O IPEAFRO é, portanto, mais do que um centro de memória: é um projeto de futuro, de liberdade e de justiça racial.

3. CAPÍTULO 3. A ARTE AFRO -BRASILEIRA E O ESPÍRITO LIBERTADOR DE ABDIAS NASCIMENTO

As manifestações artísticas de matriz afrodescendente abrangem múltiplas formas de expressão, como música, dança, teatro, literatura e artes visuais, que ao longo da história refletiram a confluência entre heranças africanas e os processos de resistência vividos pelos negros no Brasil. Segundo Kabengele Munanga (2004), a arte afro-brasileira expressa as experiências vividas pelos povos africanos e seus descendentes no país, atravessadas por práticas de violência, apagamento e exclusão, mas também por intensas redes de solidariedade e afirmação cultural.

Na dissertação "Entre o visível e o oculto: a construção do conceito de arte afro-brasileira" (2017), Hélio Menezes realiza uma investigação profunda sobre os processos históricos e institucionais que moldaram essa categoria. Ao discutir os limites da visibilidade da arte afro-brasileira, Menezes destaca que essa produção é tensionada por forças que simultaneamente tentam absorvê-la e marginalizá-la. O autor evidencia como Abdias Nascimento antecipou tais embates ao propor o Quilombismo como paradigma estético, ético e político de emancipação negra. Abdias articula sua visão sobre arte negra em diversos escritos e discursos. No texto "Arte afro-brasileira: um espírito libertador" — originalmente apresentado na Universidade de Ifé, na Nigéria, em 1976 — ele afirma:

"O artista tem o dever compulsório, nesse transe amoroso, de exprimir sua relação concreta com a vida e a cultura do seu povo. [...] O exercício da pura abstração, o jogo formal incontaminado, reduz-se ao parâmetro do nada: ao artifício da 'arte pela arte'." (NASCIMENTO, p.1, 1976)

Essa concepção posiciona a arte afro-brasileira como ferramenta de transformação social, comprometida com a vida coletiva, com a ancestralidade e com a descolonização do imaginário. Ao criticar os discursos eurocentrados que rebaixaram a arte negra à condição de folclore ou etnografia, Abdias denuncia a violência simbólica que acompanha os processos de apagamento racial nas instituições culturais ocidentais. Como ele escreve:

"Nossa arte negra é aquela comprometida na luta pela humanização da existência humana." (Nascimento, p.1, 1976)

Essa perspectiva é atualizada criticamente por Igor Simões, cuja tese de doutorado "Montagem filmica e exposição: vozes negras no cubo branco da arte brasileira" (2019)

analisa como os espaços expositivos operam como dispositivos de controle e silenciamento das vozes negras. Simões afirma:

"A exposição de obras de artistas negros em instituições embranquecidas muitas vezes reduz suas proposições a uma moldura tolerável, integrável, que neutraliza suas forças de contestação." (SIMÕES, 2019, p. 51)

Ao denunciar o "cubo branco" como estrutura colonial de purificação da arte, Simões se aproxima do pensamento abdiasiano ao reivindicar espaços de autonomia estética e política para as produções negras. Para ambos, a arte negra é a prática de libertação e criação de mundos outros. Nesse sentido, a proposta do Quilombismo enquanto projeto cultural, filosófico e político transcende o campo das artes visuais para operar como matriz contra-hegemônica de existência. O Teatro Experimental do Negro (TEN), fundado por Abdias em 1944, foi uma das primeiras experiências de institucionalização dessa proposta, reunindo artistas como Ruth de Souza, José Heitor, Yêdamaria, Chico Tabibuia e Cleoo. Com ele, a arte negra se tornou um território de reconfiguração da subjetividade e de resistência coletiva.



Figura 15 - *Todos os Filhos de Deus Têm Asas: Ruth de Souza e Abdias Nascimento*

Fonte: Acervo Ipeafro

A análise da trajetória de Abdias feita por Marcio José de Macedo (2005) confirma esse movimento. O autor evidencia como Abdias transitou do desejo de assimilação à ruptura radical com os projetos de embranquecimento nacional, passando a afirmar uma modernidade

negra baseada na valorização da ancestralidade africana e na crítica à democracia racial. Macedo demonstra que, ao fundar o TEN e criar o Museu de Arte Negra, Abdias pavimentou caminhos para a emergência de um pensamento curatorial negro no Brasil.

A literatura afro-brasileira, conforme Eduardo Assis Duarte (2014), também se insere nesse campo de disputas. Ao construir narrativas plurais que desestabilizam o cânone literário nacional, essa produção amplia as estratégias de resistência e afirmação cultural e política, articulando-se com a arte visual na reescrita da história brasileira.

Por fim, a arte afro-brasileira representa mais do que estética: trata-se de um campo de insurgência e reconfiguração ontológica. Nas palavras de Abdias: "Estamos tornando as fundações prístinas em contemporâneas forças de transformação social." (Nascimento, *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*, p, 12, 1978).

Portanto, a integração entre arte afro-brasileira e Quilombismo configura um projeto de descolonização do pensamento, de reinvenção das instituições e de afirmação da dignidade negra no Brasil e no mundo.

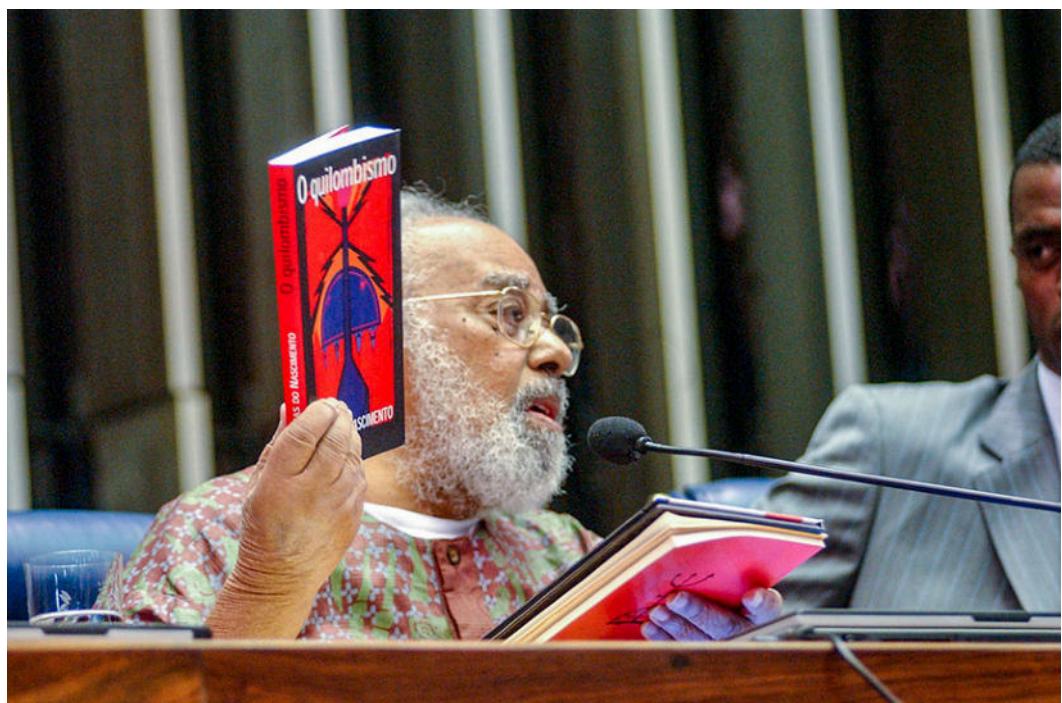


Figura 16 - Abdias Nascimento no Senado Federal. Fonte: Agência Senado. Célio Azevedo. 2005.

Fonte: Acervo Ipeafro

4. CAPÍTULO 4: ABDIAS NASCIMENTO - UM CURADOR-ARTISTA, ARTISTA-CURADOR

Como um dos pilares fundamentais do Teatro Experimental do Negro (TEN), a atenção às visualidades afro-brasileiras consolidou-se como elo essencial na articulação entre arte e política em suas ações. Para além da cena teatral, o TEN engendrou um projeto amplo de emancipação estética e subjetiva, que buscava romper com os paradigmas brancos de representação e instaurar um novo campo simbólico centrado na valorização da cultura negra. Nesse horizonte, a atuação de Abdias Nascimento como artista e curador se revela estratégica: ele compreendeu a imagem como um território de disputa e a arte como campo de afirmação da dignidade negra.

Um marco emblemático dessa atuação foi a criação, em 1955, do Concurso do Cristo Negro, iniciativa que tensionava o imaginário religioso hegemônico ao propor uma representação afrocentrada da figura de Cristo. Essa ação, embora localizada, inaugurou um importante gesto curatorial, pois mobilizou artistas negros e brancos a pensarem a estética cristã a partir de uma negritude insurgente. As obras produzidas nesse contexto foram, em grande parte, incorporadas ao acervo do Museu de Arte Negra (MAN), projeto idealizado por Abdias como desdobramento material e conceitual das lutas encampadas pelo TEN.



Figura 17 - Djanira da Motta e Silva, Cristo na coluna, 1955. Óleo sobre tela, 81 × 115 cm.

Foto: Jaime Acioli.

Fonte: Acervo Ipeafro

O MAN, ainda que jamais tenha tido sua sede definitiva plenamente instalada, constitui uma das mais ousadas propostas museológicas do século XX brasileiro. Sua concepção rompeu com os parâmetros tradicionais da museologia moderna ao estabelecer um

museu comunitário e político, voltado à celebração das culturas negras e à crítica do epistemicídio colonial. Trata-se de um espaço simbólico de enunciação negra, em que o curador é também ativista, o artista é também educador, e a obra de arte é convocada à ação social.

Ao reunir, salvaguardar e apresentar um conjunto de produções artísticas afrocentradas, Abdias ressignificava a própria ideia de acervo. Seu trabalho curatorial não se limitava à seleção e organização de objetos; ele promovia um modo de olhar o mundo a partir da experiência negra, mobilizando a curadoria como instrumento de reescrita histórica e de reparação cultural. Nesse sentido, o museu pretendido por Abdias era, mais do que uma instituição física, uma plataforma política de insurgência e formação crítica.

Durante seu exílio (1968–1983), imposto pelo endurecimento da Ditadura Militar, Abdias continuou a expandir seu repertório artístico e curatorial em diálogo com contextos internacionais. Nos Estados Unidos e na Nigéria, produziu pinturas, participou de exposições e fortaleceu vínculos com o pan-africanismo. Essas vivências ampliaram sua visão e consolidaram sua atuação como intelectual transnacional, que pensa a arte negra não apenas como forma de resistência local, mas como linguagem de uma diáspora em movimento.

Em 1968, Abdias obteve uma bolsa de uma instituição norte-americana, a Fundação Fairfield, e viajou para conhecer novas experiências do teatro e movimento negro. Devido à promulgação do AI-5, ele não retornou ao Brasil, ficando fora do país por quase treze anos. Ao chegar aos Estados Unidos, deparou-se com o fortalecimento da luta por direitos civis, e teve maior contato com os movimentos anticolonialistas africanos. Em 1968, o ativismo de líderes norte-americanos como Martin Luther King, assassinado três anos antes, e Huey P. Newton, fundador dos Panteras Negras, acompanhava o crescimento de mobilizações sociais em torno do chamado Poder Negro (Black Power). É também durante o exílio nos EUA que Abdias começa a pintar, dedicando-se fundamentalmente a temas relacionados ao candomblé (Castro e Santos, p. 7, 2019)

A dualidade de Abdias, artista e curador, é menos uma soma de funções do que uma sobreposição de camadas: sua produção visual está atravessada pela mesma pulsão de denúncia e proposição que orienta suas práticas curatoriais. Como artista, ele compunha narrativas visuais que descolonizavam o olhar; como curador, convocava essas narrativas à

cena pública, desafiando os silenciamentos institucionais e abrindo caminhos para uma museologia negra, insurgente e ancestral.

Essa inter-relação aponta para uma compreensão radical do papel da curadoria como prática de liberdade. Ao fundar um museu negro em um país onde a branquitude institucionaliza o apagamento, Abdias antecipa debates contemporâneos sobre curadorias afro-referenciadas e museologias críticas. Sua atuação ressoa nos percursos de curadores e curadoras negras que hoje tensionam os limites das instituições e reconfiguram os modos de narrar, expor e preservar as experiências negras no Brasil.

Mais do que um capítulo da história, o projeto de Abdias Nascimento permanece como provocação e bússola para as práticas curatoriais de hoje. Ele ensinou que é possível, e necessário, curar a partir de um corpo negro, de uma história negra, de uma cosmologia negra. E que isso não é apenas uma possibilidade estética, mas um gesto político e civilizatório.

5. A MEU VER E SENTIR: MAC NITERÓI E MASP - PERCEPÇÕES INSTITUCIONAIS DAS PINTURAS E LEGADO ARTÍSTICO DE ABDIAS NASCIMENTO NA HISTÓRIA DA ARTE BRASILEIRA

A realização das exposições “Abdias Nascimento – Um Espírito Libertador”, no Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC, 2019), e “Abdias Nascimento: um artista panamefriano”, no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP, 2022), marca um momento simbólico do esforço tardio de grandes instituições brasileiras em reinscrever artistas negros na história da arte nacional. Ambas as mostras foram importantes em termos de visibilidade e incorporação museológica, mas é preciso confrontar os limites dessa inserção: até que ponto essas instituições foram capazes de incorporar o pensamento radical de Abdias? Como sua produção pictórica, forjada entre o exílio, o pan-africanismo e a crítica anti colonial, foi reterritorializada no espaço expositivo ainda normativo do museu?

O conceito de cubo branco, tal como discutido por Igor Simões, nos oferece uma chave crítica para pensar essas inserções. O cubo branco, espaço neutro, asséptico, universalizante que organiza não apenas a forma como as obras são expostas, mas também a forma como são lidas, classificadas e, muitas vezes, silenciadas. Simões afirma que o cubo branco funciona como "dispositivo de colonialidade estética", que purifica a obra de seus vínculos históricos, afetivos e comunitários para submetê-la a uma lógica de contemplação formal e universalizante. Em sua tese, Simões afirma: “Se o Cubo Branco da arte brasileira é

a Casa-grande, uma extensão do sistema que privilegia a branquitude institucional, é preciso investigar quem são os sujeitos brancos que se beneficiam desse sistema... A história da arte, majoritariamente branca, conta 2.443 artistas: apenas 22 são negros.” Essa operação é especialmente crítica quando aplicada à obra de um artista como Abdias Nascimento, cuja pintura está visceralmente imbricada a um projeto de emancipação negra e à construção de epistemologias próprias no campo das artes.

No MAC Niterói, sob a curadoria de Pablo León de la Barra e Raphael Fonseca, a exposição “Abdias Nascimento: Um Espírito Libertador” (13 de abril a 4 de agosto de 2019) apresentou 36 pinturas produzidas por Abdias entre 1960 e 1990, com destaque para os símbolos iorubás Exu, Iemanjá, Xangô e Oxóssi, valorizando sua dimensão pan-africana e o exílio como vivência estética e política. A sala principal, de formato circular projetado por Oscar Niemeyer, ofereceu uma experiência expositiva dialógica: a circularidade permitiu que o espectador circulasse pelas obras em vista panorâmica, criando um giro quase ritualístico e relacional entre pinturas e paisagem. É importante destacar que não foram construídas paredes adicionais ou suportes temporários; as obras foram dispostas diretamente nas paredes semi-circulares do edifício, respeitando a arquitetura original e potencializando o diálogo orgânico entre a espacialidade do museu e o universo simbólico das obras. Essa dinâmica espacial favorece leituras transversais entre as obras, ativando uma percepção fluida e mais sensível da cosmologia visual de Abdias.

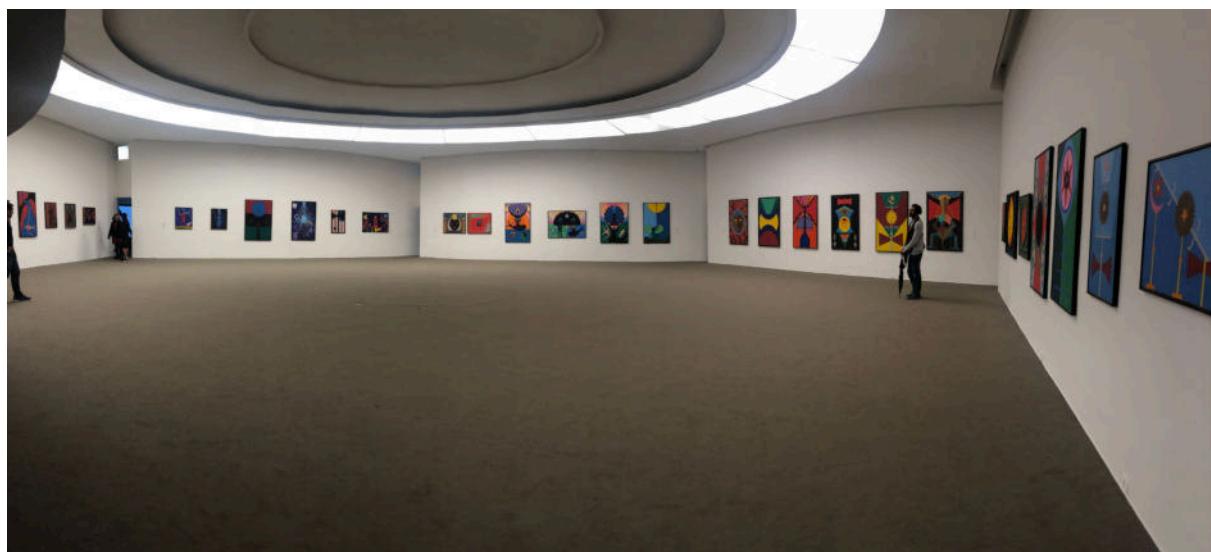


Figura 18 - Foto: Acervo pessoal. Mac Niterói, 2019.

Fonte: Acervo MAC Niterói

A curadoria da programação pública, a cargo de Raquel Barreto, alargou o escopo da exposição com o seminário “Negra Presença: Arte, Política, Estética e Curadoria”, realizado de 15 a 17 de agosto de 2019 no próprio salão expositivo. Em uma ocupação performativa do espaço circular, o seminário reuniu conferências, mesas de debate, performances e um curso-diálogo pela manhã. Entre os participantes, estiveram Elisa Larkin Nascimento, Kabengele Munanga, Muniz Sodré, Reginald Adams, Carmen Luz, Haroldo Costa, Milsoul Santos, Keyna Eleison, Roberta Alleixo, Thais Rocha, Julio Cesar Tavares, Marcelo Campos e Mariana Maia. O curso História da Arte Afro-brasileira: séculos XIX–XXI, ministrado por Hélio Menezes, foi um destaque, oferecendo recortes históricos e conceituais que ancoraram o pensamento abdiasiano em redes de produção negra.



Figura 19 - Flyer do seminário Negra Presença: Arte, política, estética e curadoria. 2019.

Fonte: Acervo Ipeafro.

Essas atividades programáticas permitiram ativar a exposição como um espaço de enunciação crítica e de escuta coletiva, sinalizando um modelo de museu insurgente, afroreferenciado e em estado de vigília. No entanto, é necessário apontar criticamente a ausência de um curador ou curadora negro/a na curadoria principal da mostra. Dado o escopo e a profundidade da produção artística e política de Abdias Nascimento, essa escolha institucional revela um limite significativo na capacidade de compreender desde dentro as epistemologias negras que sustentam sua obra. A ausência de um olhar negro na condução curatorial pode comprometer camadas de leitura fundamentais sobre ancestralidade, estética e

insurgência que Abdias articula em sua pintura. É um ponto que exige reflexão por parte das instituições sobre quem são os sujeitos autorizados a narrar e expor a história da arte negra no Brasil.



Figura 20 - Foto: Reprodução/MAC Niterói

Fonte: Mac Niterói

No MASP, a exposição “Abdias Nascimento: um artista panamefriano” (28 de julho a 30 de outubro de 2022), curada por Amanda Carneiro (curadora assistente) e Tomás Toledo (curador-chefe à época), foi a maior mostra já dedicada à produção visual de Abdias Nascimento. A exposição reuniu 61 pinturas realizadas entre 1968 e 1998, período mais fecundo de sua trajetória artística. Pinturas que dialogam com insígnias religiosas afro-brasileiras, símbolos adinkras, abstração geométrica e personagens mitológicos habitaram o espaço subterrâneo do museu.

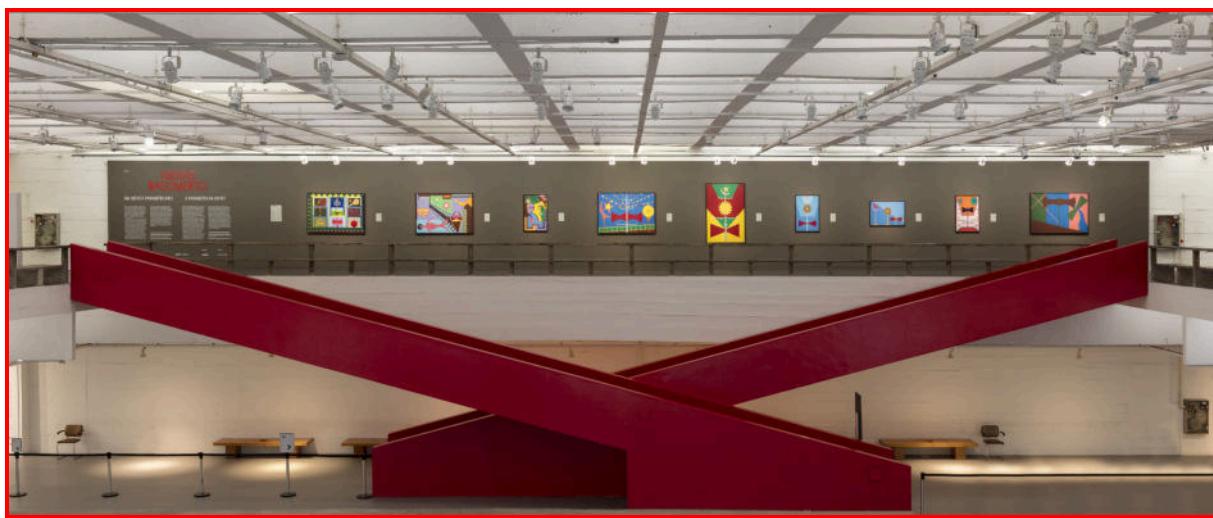


Figura 21 - Vistas da exposição: Abdias Nascimento: um artista panamefírico

Fonte: MASP

O neologismo "panamefírico" no subtítulo da mostra propôs o cruzamento entre a herança pan-africanista de Abdias e a expressão "ladino-amefírico", cunhada por Lélia Gonzalez, que se refere às culturas negras da América Latina. A exposição foi dividida em sete núcleos temáticos, com base em conceitos formulados pelo próprio Abdias em textos e obras: Teogonia afro-brasileira, Quilombismo, Deuses vivos, Germinal, Sankofá, Axé da esperança, Axé de sangue.



Figura 22 - Vistas da exposição: Abdias Nascimento: um artista panamefírico

Fonte: MASP

Contudo, o projeto expográfico enfrentou limitações. O espaço em formato de U, localizado no subsolo do museu, comprometeu a fruição sensível das obras, limitando a circulação e a contemplação panorâmica. Houve uma tendência à supervalorização estética das pinturas, com pouca ênfase em documentos, registros históricos e no papel de Abdias

como curador-artista. Seu ativismo político, sua atuação na Frente Negra Brasileira, sua experiência com o Teatro Experimental do Negro e a criação do Museu de Arte Negra foram apenas brevemente referenciadas. A potência institucional de Abdias como proposito de uma outra museologia foi, assim, em certa medida, apagada em favor de uma leitura formalista de suas obras.

Cabe lembrar que, antes dessas exposições individuais, a pintura *Okê Oxóssi*, a primeira de sua autoria, foi doada ao MASP pelo IPEAFRO em 2018, durante a realização da mostra Histórias Afro-Atlânticas, organizada em parceria com o Instituto Tomie Ohtake. Curada por Adriano Pedrosa, Ayrson Heráclito, Hélio Menezes, Lilia Schwarcz e Tomás Toledo, essa exposição histórica propôs uma ampla cartografia visual das heranças e resistências negras no Atlântico. A obra *Okê Oxóssi*, que mistura a bandeira nacional com a saudação ao orixá caçador, tornou-se um emblema da mostra e ponto de partida para repensar o significado da cidadania negra em um país estruturalmente racista.

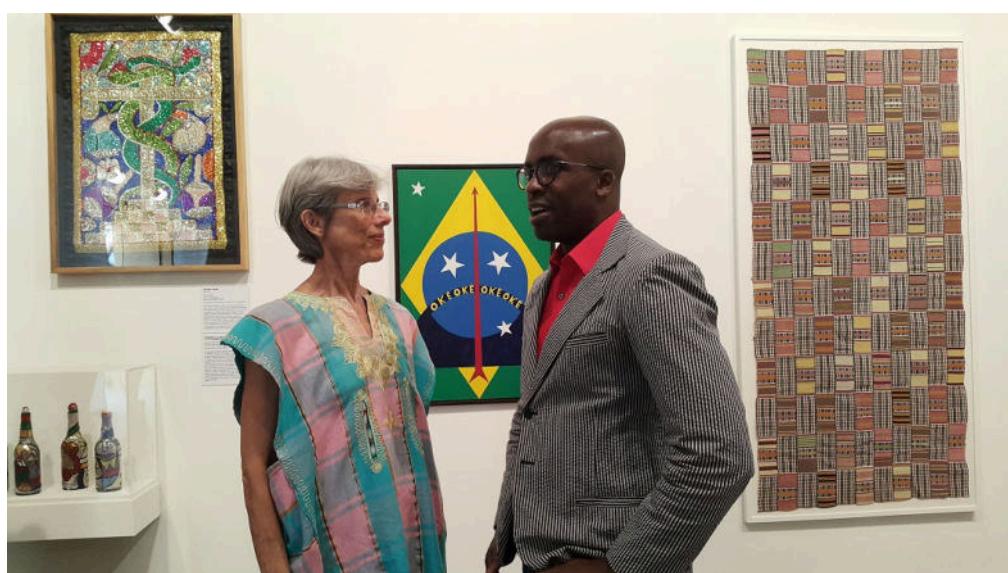


Figura 23 - Elisa Larkin Nascimento conversa com O'Neil Lawrence, curador da Galeria Nacional de Arte da Jamaica. Ao fundo, no centro, a obra “*Okê Oxossi*”, de Abdias Nascimento (1974). Foto: César Nascimento. Fonte: Acervo Ipeafro.

A exposição individual de 2022 integrou o biênio de programação do MASP intitulado “Histórias Brasileiras”, que coincidiu com o bicentenário da Independência. Ao lado de artistas como Alfredo Volpi, Dalton Paula, Luiz Zerbini, Joseca Yanomami, Madalena dos Santos Reinbolt, Judith Lauand e Cinthia Marcelle, Abdias foi inserido na narrativa da história nacional pela via da arte.

Apesar dessas limitações institucionais, os catálogos produzidos para ambas as exposições se destacaram como documentos críticos. O catálogo do MAC–Niterói reuniu textos curatoriais, entrevistas e ensaios visuais. O catálogo bilíngue do MASP incluiu textos de Elisa Larkin Nascimento, Kimberly Cleveland, Raphael Fonseca, Glauce Britto, Túlio Custódio e Molefe Kete Asante, além de textos históricos de Abdias e Lélia Gonzalez. A presença de Asante, referência central do panafricanismo ou da afrocentricidade e do pensamento pan-africanista contemporâneo, amplia o alcance internacional das leituras sobre Abdias.

Foi também a partir de Molefe Kete Asante que se deu o primeiro encontro desta pesquisadora com a obra de Abdias Nascimento. Em 2019, durante um congresso acadêmico na Temple University, na Filadélfia, tive a oportunidade de visitar o escritório do professor Asante, onde se encontrava exposta uma pintura original de Abdias. A imagem daquela obra, seu simbolismo visual e sua presença naquele território intelectual afrocentrado marcaram profundamente minha percepção. Esse encontro inicial não apenas despertou o interesse pela pesquisa, mas também orientou minhas escolhas profissionais e teóricas no campo da curadoria, guiando o caminho que culminaria nesta monografia.



Figura 24 - Eu, Thayná Trindade e Molefe Kete Asante, Temple University, 2019. Philadelphia/US.

Fonte: Acervo Pessoal

A tarefa que permanece é, então, a de radicalizar a presença de Abdias Nascimento no museu, não como ícone domesticado, mas como artista-militante que repensou o próprio conceito de arte, de curadoria e de museu. Abdias precisa entrar nas instituições sem deixar de ser Abdias: político, pan-africano, quilombista, encantado. E essa é uma tarefa que cabe às novas gerações de curadoras e curadores negros, que, como ele, atuam na interseção entre arte e política, corpo e ancestralidade, estética e liberação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Este trabalho buscou caminhar junto às pegadas de Abdias Nascimento, artista, intelectual e griô da luta negra no Brasil e no mundo. Mais do que revisitar sua trajetória, procuramos escutar o que sua obra visual, poética, política ainda sussurra em nossos dias: que a arte não é ornamento, mas verbo, gesto de reexistência e projeto de mundo. Abdias nos ensinou que o corpo negro é arquivo e altar, e que toda forma de criação pode ser também ritual de cura e insurgência.

No campo da História da Arte, esta pesquisa se inscreve como gesto de deslocamento e reparação. Ao trazer Abdias ao centro do debate acadêmico, rompe-se com a lógica excludente dos cânones eurocentrados que por tanto tempo silenciaram vozes negras. Propõe-se aqui uma escrita da história da arte que não tema a encruzilhada, que se permita afetar por outras epistemologias e que assuma a beleza como força política. Abdias amplia o próprio conceito de arte ao evocar sua dimensão espiritual, coletiva, ritualística e de denúncia. Sua produção, que ultrapassa a bidimensionalidade da tela, convoca o espectador a uma relação ética e afetiva com o mundo.

Abdias Nascimento foi também curador de seu tempo. Articulou inúmeras possibilidades visuais e de colecionismos imaginados para o Museu de Arte Negra como um espaço de liberdade, onde as obras não estariam submetidas ao julgamento estético de uma elite branca, mas seriam compreendidas em sua complexidade ancestral e política. Ele inaugurou, portanto, uma curadoria negra e insurgente antes mesmo que essa terminologia ganhasse corpo nas práticas museais contemporâneas. O impacto de sua proposta ainda reverbera nas ações de curadores e curadoras negras que hoje ocupam os museus e galerias, questionando as estruturas do cubo branco e propondo epistemologias visuais negras.

Ao longo desta pesquisa, ficou evidente que pensar a obra de Abdias é, necessariamente, pensar o Brasil. Um Brasil que carrega feridas coloniais abertas, mas também pulsações de resistência e criação ininterruptas. Um Brasil onde a arte negra ainda é,

tantas vezes, marginalizada, exotificada ou instrumentalizada, mas que também tem testemunhado, nos últimos anos, um levante de artistas, intelectuais e instituições comprometidas com a reconfiguração de narrativas. O legado de Abdias é bússola e farol nesse processo. Sua obra nos ajuda a imaginar outras formas de museu, de política cultural, de ensino da arte e de convívio social.

Para além da academia, este trabalho é também um chamado à sociedade. Olhar para Abdias é olhar para o Brasil que se recusa a esquecer. É recusar-se a apagar os nomes, os rostos e os sonhos que compõem a tessitura da cultura afro-brasileira. Num tempo em que o racismo ainda estrutura tantas camadas da vida social, resgatar o pensamento de Abdias é semear horizontes de justiça racial, de memória insurgente, de liberdade não apenas como ausência de correntes, mas como presença plena de dignidade.

A relevância deste trabalho para o campo da História da Arte está, portanto, em seu gesto de reencantamento e revisão crítica da historiografia. Ao optar por um pensamento que articula estética e política, ancestralidade e contemporaneidade, escritura e imagem, propõe-se uma ampliação dos fundamentos teóricos e metodológicos da disciplina. Esta pesquisa afirma que não há neutralidade na história da arte, e que é preciso nomear, reconhecer e valorizar os corpos que historicamente sustentaram as expressões artísticas do Brasil, muitas vezes sem serem legitimados pelos espaços institucionais.

Ao concluir este percurso, reafirmamos que Abdias Nascimento não cabe em molduras. Sua obra atravessa o tempo como flecha de Ogum, abrindo caminhos para que outras histórias possam ser ditas, pintadas, cantadas e ensinadas. O presente trabalho, como ele próprio escreveu um dia, deseja apenas ser uma continuidade da luta. Luta por um mundo em que a arte negra não precise mais ser justificada, mas simplesmente celebrada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTRO, Mauricio Barros de; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Abdias do Nascimento e o Museu de Arte Negra. *MODOS: Revista de História da Arte*, Campinas, SP, v. 3, n. 3, p. 174–189, 2019. DOI: 10.24978/mod.v3i3.4235. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/mod/article/view/8663189>. Acesso em: 31 maio 2024.
- DUARTE, Eduardo Assis. *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- DUARTE, Eduardo. *Estética negra: ensaios sobre a produção cultural afro-brasileira*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Tradução de José Laurêncio de Melo. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FONSECA, Raphael; LEÓN DE LA BARRA, Pablo. *Abdias Nascimento: um espírito libertador*. Niterói: MAC Niterói, 2019. Catálogo da exposição.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2016.
- LARKIN NASCIMENTO, Elisa. Prefácio. In: NASCIMENTO, Abdias. *Sortilégio: mistério negro*. Rio de Janeiro: IPEAFRO, 2011.
- MACEDO, Marcio José de. *Abdias do Nascimento: a trajetória de um negro revoltado (1914–1968)*. 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- MASP. *Abdias Nascimento: um artista panamefriano*. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, 2022. Catálogo da exposição.
- MENEZES, Hélio. *Entre o visível e o oculto: a construção do conceito de arte afro-brasileira*. 2017. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- MENEZES, Hélio; BARRETO, Raquel (Org.). *Negra Presença: arte, política, estética e curadoria*. Programa público da exposição Abdias Nascimento: Um Espírito Libertador. MAC Niterói, 2019.

MUNANGA, Kabenguele (Org.). *História do negro no Brasil*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2004.

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE NITERÓI. *Abdias Nascimento: um espírito libertador*. Niterói: Niterói Livros, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. *Arte afro-brasileira: um espírito libertador*. Apresentado na Universidade de Ifé, Nigéria, 1976.

NASCIMENTO, Abdias. *Dramas para negros e prólogos para brancos*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1981.

NASCIMENTO, Abdias. *O quilombo dos Palmares*. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.

NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. Petrópolis: Vozes, 1980. Também publicado por: São Paulo: Perspectiva, 1980.

NASCIMENTO, Abdias. *Orixás: os deuses vivos da África = Orishas: the living gods of Africa in Brazil*. Tradução de Elisa Larkin Nascimento. Edição bilíngue. Rio de Janeiro: IPEAFRO/Afrodiáspora, 1995.

NASCIMENTO, Abdias. *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. Edição fac-similar. São Paulo: Editora 34, 2003.

NASCIMENTO, Abdias. *Sortilégio: mistério negro*. 2. ed. Rio de Janeiro: IPEAFRO, 2004.

PEDROSA, Adriano et al. *Histórias Afro-Atlânticas*. São Paulo: MASP/Instituto Tomie Ohtake, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Epistemologias do Sul: perspectivas*. São Paulo: Cortez, 2010.

SEMOG, Éle. *Abdias Nascimento: o griot e as muralhas*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

SIMÕES, Igor Manoel. *Montagem filmica e exposição: vozes negras no cubo branco da arte brasileira*. 2019. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

SIMÕES, Igor Manoel. Todo cubo branco tem um quê de Casa Grande: racialização, montagem e histórias da arte brasileira. *Revista Philia – Filosofia, Literatura & Arte*, v. 3, n. 1, p. 314–329, maio 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/philia/article/view/113790>. Acesso em: 28 fev. 2020.

SOUZA, Marcelo Fonseca Gomes de. Abdias Nascimento e o Museu de Arte Negra em Inhotim: algumas encruzilhadas. *Trivium*, Rio de Janeiro, v. 14, n. spe, p. 132–136, abr. 2022. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217648912022000100013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 31 maio 2024.

THEODORO, G.; MORAES, W.; GOMES, F. Dos quilombos ao quilombismo: por uma história comparada da luta antirracista no Brasil (notas para um debate). *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)*, v. 8, n. 18, p. 215–238, 2016. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/49>. Acesso em: 21 mar. 2024.

UNESCO. *Memória do Mundo: Registro Internacional – Abdias Nascimento*. Paris: Unesco, 2004.